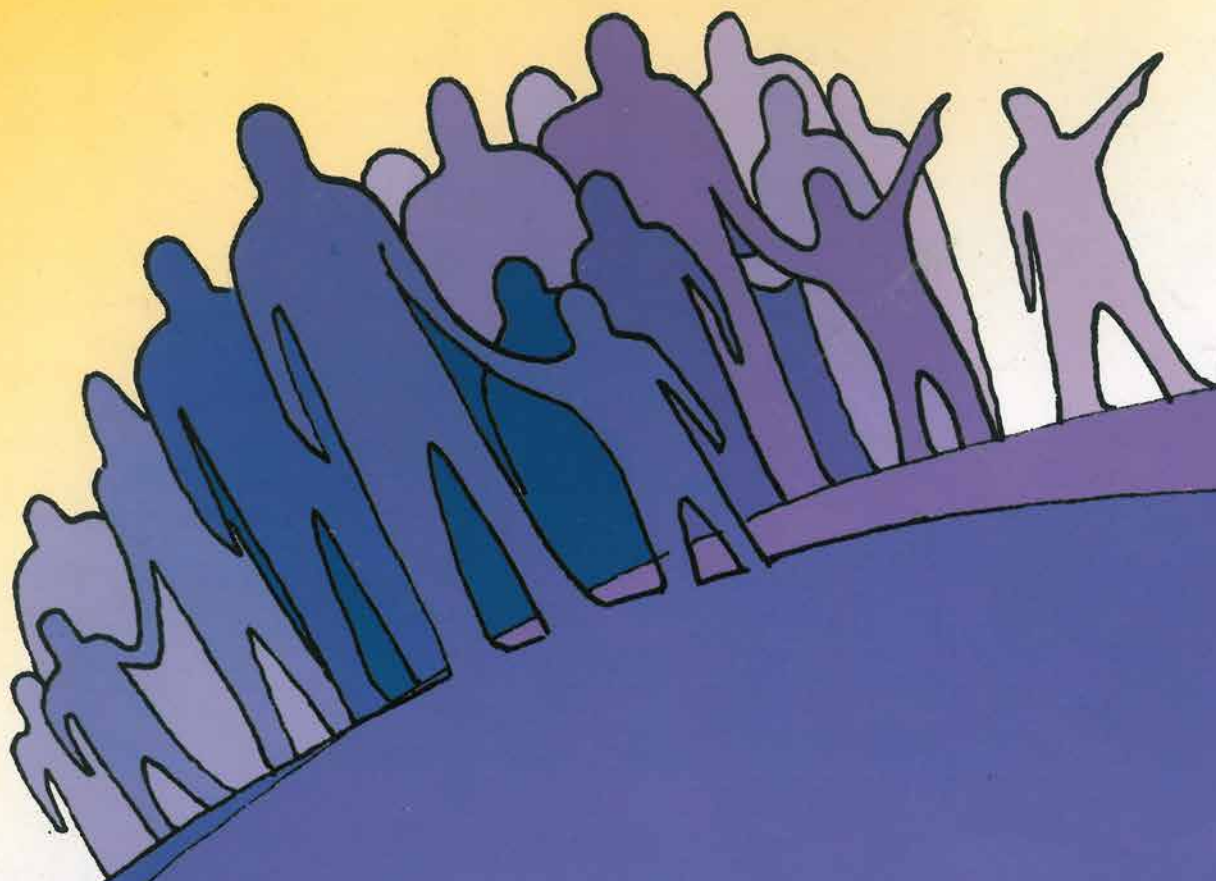


a chama



Pais e escola,
juntos por um
interesse comum



FRUTOS DE UM SONHO



BEM LONGE DA ESCURIDÃO



MOSTRANDO O CAMINHO



PELOS NOSSOS FILHOS



SÃO VICENTE, UMA MARCA



EDUCAÇÃO, TRABALHO, CIDADANIA



VIDA SIM!



UMA ODISSÉIA NO SÃO VICENTE



CULTURA NUNCA É DEMAIS



EXPEDIENTE

a chama

Revista editada pela APM Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo

Ano XXVIII – Nº 63 novembro/2001

Rua Cosme Velho, 241 – Cosme Velho – CEP 22241-090 – Rio de Janeiro – RJ
Telefone: (21) 2556 0796

Supervisão Editorial: Pe. Lauro Palú e diretoria da APM
Coordenação Editorial: Marco Vinícius Bittencurt e João Afonso de M. Teixeira
Reportagens, redação, edição e revisão: Ana Beatriz de Noronha e Cátia Guimarães
Projeto Gráfico: Oswaldo Eduardo Lioi
Concepção gráfica, ilustrações e editoração eletrônica: Iuri Lioi
Colaboração: Gilberto de Carvalho e Antônio Morais (Serviço Audiovisual / CSVP - fotos)
Capa: Iuri Lioi (ilustração)

DIRETORIA DA APM
Casal Presidente: Sérgio Mourão Castiglione e Denise Maria Braune
Casal Vice-Presidente: Marco Vinícius e Rosária Bittencurt
Casal Relações Públicas: João Afonso de M. Teixeira e Solange Pires de M. Teixeira
Casal Tesoureiro: Duarte M. Vicente e Maria Lúcia Godoy Vicente
Casal Secretário: Roger Toshio Enokibara e Marta Pinheiro Enokibara
Casal Representante dos Professores: Roseli e Sidnei Moraes de Vasconcellos

Caros pais e amigos

No início deste ano, assumimos a direção da APM para o mandato do biênio 2001/2002 e selecionamos, como um dos objetivos, fundamentarmos cada vez mais o processo de parceria, na participação e união entre pais e escola, com o firme propósito de atingirmos um desejo comum: "Educação saudável dos nossos filhos".

A participação constante da APM nos eventos do Colégio tem o duplo propósito de estarmos mais presentes na Comunidade Vicentina e de incentivarmos os demais pais a fomentar, cada vez mais, a parceria Escola-Família.

O envolvimento familiar com a Escola contribuirá, certamente, para uma educação, atual e futura, com melhor qualidade de vida dos nossos filhos e, obviamente, para o nosso crescimento paralelo junto a eles.

Finalmente, colocamo-nos à disposição de todos os pais, não como dirigentes, mas como amigos e representantes, momentâneos, dos nossos mais justos anseios.

Diretoria da APM



SUMÁRIO

CAPA

A parceria fundamental 16

ESPECIAL

As angústias de todos nós 6

ENTREVISTA: Maria Margarida

Estudar pode ser um prazer 2

AÇÕES SOCIAIS

Vou continuar tentando... 4

ESPORTE

Olimpíada 2001 10

Obesidade infanto-juvenil, atividade física e mudanças 11

Criança é vida 11

ENSINO FUNDAMENTAL

Economizando energia, esbanjando criatividade 12

COMO SE FAZ

Orientação profissional: no presente, de olho no futuro 14

FAMÍLIA VICENTINA

Visita do Pe. Maloney 20

São Vicente não é uma tabuleta 21

ESPAÇO APM

Sob nova direção 22

Yes, nós temos laboratório 23

SUPLETIVO

Uma escola diferente 24

ETC...

Um pedido pela vida 25

Retrospectiva 2001 26

Semana Cultural 30

ESPAÇO ABERTO e CARTAS 32

ESTUDAR PODE

Maria Margarida, professora de história



Historiadora, especializada na história do Rio de Janeiro, Maria Margarida Cardoso descobriu que aprender pode ser um prazer. E resolveu ensinar o caminho. Professora de história do São Vicente, ela é responsável pelo curso de Metodologia de Ensino e Pesquisa, o MEP, que o Colégio oferece como extraclasse.

Nesta entrevista, Maria Margarida dá dicas de como os alunos devem se organizar para estudar e aprender de forma mais relaxada e eficiente.

A chama: *No que consiste o curso de Metodologia de Ensino e Pesquisa?*

Maria Margarida: Este curso foi idealizado objetivando ajudar os alunos a aprenderem a estudar, aproveitarem melhor o tempo para o estudo e identificarem as idéias principais nos conteúdos trabalhados em sala de aula. Procuramos ainda dar uma orientação básica acerca de como realizar uma pesquisa escolar. O aluno se exercita através de letras de músicas, curtas-metragens, para fazer resumos e sínteses, além de receber algumas orientações sobre como fazer uma prova, um teste, etc. Também

oferecemos alguns exercícios de relaxamento para serem utilizados no cotidiano escolar.

A chama: *Quais os principais mandamentos para um estudo eficiente?*

Maria Margarida: Primeiramente, cada educando deve pesquisar e encontrar em sua casa um lugar que lhe ofereça condições mais prazerosas ao estudo. Que a opção seja por um local claro e tranquilo e que possa ser utilizado todos os dias. Em segundo lugar, cada aluno deve reservar uma mesma hora diária para seus estudos em casa. Em terceiro, o horário escolar deve ser consultado todos os dias, a fim de que o aluno se prepare para as aulas do dia seguinte. Finalmente, se ele cumprir suas tarefas escolares de segunda a sexta-feira, os finais-de-semana devem ser reservados ao lazer.

“Inicialmente, o aluno pode não conseguir, mas é importante repetir todos os dias, no horário reservado, o ‘ritual’ de estudo”

A chama: *Quantas horas por dia um aluno deve estudar para ter um aprendizado satisfatório e sadio?*

Maria Margarida: No mínimo, uma hora por dia. Inicialmente, o aluno pode não conseguir, mas é importante repetir todos os dias, no horário reservado, o “ritual” de estudo. Sendo o ato de estudar um hábito que se adquire com a prática, no início, pode-se ficar menos que uma hora estudando. O importante é que o educando valorize o tempo que

conseguiu se concentrar. Posteriormente, poderá ocorrer que o aluno ultrapasse, espontaneamente, uma hora.

A chama: *Os alunos sabem estudar?*

Maria Margarida: Creio que muitos alunos não sabem estudar. Vários deles até perdem bastante tempo pensando que estão estudando, mas, quando recebem de volta as avaliações, ficam decepcionados e até desestimulados. Na realidade, faltam-lhes um método, o que repercute num baixo rendimento ou num desgosto emocional desnecessários.

A chama: *Estudar, então, requer método. Quais são os passos principais?*

Maria Margarida: Ter o material escolar organizado, prestar atenção às aulas, tirar dúvidas com o professor, fazer as tarefas exigidas pela escola, manter a agenda atualizada para não perder as datas referentes aos compromissos escolares. Diríamos que estes são alguns princípios básicos e de grande valia para todos os estudantes.

A chama: *A estrutura escolar hoje — grade curricular, horários, intervalos, etc — é adequada às necessidades e à capacidade dos estudantes?*

Maria Margarida: Não é exatamente a estrutura escolar que eu faria uma crítica, mas sim ao excesso de compromissos extra-escolares que hoje o aluno assume. Quando criança, falta tempo para ele brincar. Na adolescência, ele fica pressionado pelo tempo necessário para saldar tantos outros compromissos regulares.

A chama: *Como os alunos do São Vicente receberam seu curso?*

Maria Margarida: Este curso, que o Pe. Maurício batizou de MEP, é opcional. O aluno chega a ele por interesse dos pais, por indicação do SOE da Escola ou pelo próprio aluno que ouve falar

SER UM PRAZER

, fala do curso que ensina os alunos a estudar

“O interesse dos pais em saber o que seu filho está aprendendo os aproxima, abrindo canais de diálogo e ajuda, tão necessários para um crescimento integral dos filhos”

e acha que ele lhe será útil. Fizemos parcerias muito proveitosas com o SOE, para certos alunos com dificuldades de aprender ou de se organizar nos estudos. Em geral, o aluno fica o tempo que sente necessário para ser ajudado. A maioria participa das aulas do MEP com entusiasmo, alcança um melhor rendimento escolar e adquire hábito de estudo. Curioso é que vários alunos sem problemas acadêmicos procuram o MEP e também se sentem ajudados.



A chama: *O MEP é um curso extraclasse. Como esse tema é tratado nas aulas regulares?*

Maria Margarida: Desde que idealizamos e implantamos o MEP no São Vicente, em 1999, já o fizemos buscando suprir um problema identificado através do cotidiano da sala de aula, ou seja, muitos alunos não sabiam estudar e nem se organizar. Sendo assim, o MEP surgiu como uma experiência nova a ser avaliada.

A chama: *Como o professor pode ajudar o aluno a estudar?*

Maria Margarida: O que o professor faz no dia-a-dia em suas turmas inclui uma constante orientação. Eu procurei, este ano, aplicar algumas técnicas de estudo em sala de aula. Acredito que isso os tenha ajudado um pouco, mas me parece mais proveitoso um horário reservado à metodologia do ensino e pesquisa. Assim, faz-se um aprendizado mais consciente.

A chama: *E os pais?*

Maria Margarida: A ajuda dos pais, em geral, é valiosa porque a escola não pode suprir o espaço afetivo referente à relação pais e filhos. A participação dos pais de forma moderada incentiva o próprio aprendizado do aluno. O interesse dos pais em saber o que seu filho está aprendendo os aproxima, abrindo canais de diálogo e ajuda, tão necessários para um crescimento integral dos filhos.

A chama: *O vestibular é sempre uma preocupação dos jovens que concluem o Ensino Médio. O que deve mudar na rotina de estudo de um vestibulando?*

Maria Margarida: O ideal seria que os alunos chegassem ao 3º ano do Ensino Médio com hábitos de estudo. Se isso não acontecer, é preciso oferecer a eles uma breve orientação de estudo para o ano do vestibular. Também seria muito



oportuno que fizessem alguns exercícios ministrados por profissionais especializados, envolvendo respiração consciente, a fim de harmonizá-los, já que é inevitável o estresse causado pelo espírito competitivo.

A chama: *Montar uma metodologia de ensino e pesquisa inclui o lazer?*

Maria Margarida: Como disse anteriormente, o aluno que estuda durante os cinco dias úteis merece o descanso e o lazer dos finais de semana. Procuramos mostrar aos alunos do MEP que é possível aprender de diferentes formas. O que eles aprendem em sala de aula é apenas uma base teórica para ajudá-los a compreender a diversidade do mundo. Quando eles percebem que, através de um filme, um “bate-papo” informal, uma viagem, estão ampliando essa base teórica, aprender se torna uma tarefa menos tensa e os elementos teóricos passam a ser vistos como necessários para uma melhor compreensão da realidade. Sugerimos, portanto, que as experiências de cultura e lazer sejam incentivadas pelos pais, não somente como elementos recreativos como também para fortalecer a idéia de que é possível aprender com alegria e prazer.■

VOU CONTINU

“Fui a Cocos para repassar aos colegas de profissão, que trabalham numa realidade tão diferente da nossa, o material pedagógico que me havia sido solicitado. Mas, o que vivi extrapolou o nível intelectual, atingiu o emocional, o espiritual e o nível do transcendente! Que efeitos surtiram neles? Isso não posso dizer. Tenho apenas as suas declarações na avaliação final do curso. Posso sim afirmar o que ocorreu comigo: fui doar e recebi! Fui para ensinar e aprendi! Fiz um retrospecto dos meus 29 anos de magistério... Revivi o tempo em que ‘cheia de gás’, com mil idéias, me achava pronta para resolver todos os problemas do mundo. Fui lá para descobrir como se pode ser criativo, tirando idéias e possibilidades do quase nada e sentir como se pode ser feliz com muito menos. Menos computadores, menos vídeos, menos xerox, menos salas...” trecho do relato da professora Abigail Barbosa (português, 6ª série), na reunião geral dos Professores, no início de setembro.

Aquele que parecia tão pequeno, sonho de aventureiros, tão distante, realidade quase impraticável, vai, aos poucos, ganhando corpo e fazendo história dentro das variadas possibilidades que o São Vicente favorece, ao concretizar o seu Projeto Pedagógico. Dos projetos sociais existentes no Colégio, o de Cocos é das mais novas iniciativas e nasceu como nascem aquelas coisas que parecem vir ao mundo para não vingar. Do “passeio” de um pequeno grupo de Professores durante as férias de janeiro de 2000, na região oeste da Bahia, “aquela Bahia que ninguém conhece”, e área onde os Padres Vicentinos mantêm Casas de Missões, foram surgindo as idéias de parceria e entre-ajuda, de laços e vínculos entre a realidade tão carente de tudo, naquele “pedaço do mundo”, e a realidade com tamanho potencial, como a da Comunidade Vicentina, no Cosme Velho. No início, idéias estranhas mas que serviram como lenha na fogueira mantendo aceso o “fogo

novo” do entusiasmo, da disponibilidade e do espírito criativo, características que o grupo tem mantido desde então. Nas férias de janeiro e nos recessos escolares de julho, nos quase dois anos, lá se vai o grupo em “missão”!

Que resultados podem ser medidos deste empreendimento? O que tem representado para a região de Cocos cada etapa acontecida do Projeto? Como a Comunidade Educativa do São Vicente, no seu todo, está se envolvendo nele? Por que um trabalho tão distante, se realidades semelhantes existem por aqui, tão próximas? Nem tudo pode ser mensurado, naturalmente! A vida pulsa, vigorosa e dinâmica, não se aprisiona nos prognósticos, estatísticas e matemáticas! Se é verdade que os números falam, quanto mais conhecidos, tanto maior o significado do que eles expressam!

Para cada ida a Cocos, uma média de dez profissionais do Colégio gastam de 12 a 15 dias do seu descanso ordinário, no serviço de voluntariado e não-remunerado, pelo Projeto. Mantém, em cada etapa, os Cursos de Formação

continuada, numa média de 30 horas-aula, para 270 professores da rede municipal, contribuindo para a melhoria da qualidade do ensino junto às 80 unidades escolares da rede pública. Trabalho distribuído entre oficinas de português, matemática, dinâmicas de grupo/sensibilização e integração, projeto político pedagógico, planejamento integrado e avaliação. Cursos que abrangem professores de classes multisseriadas, da zona rural, professores do Ensino Fundamental e do Médio, redes municipal e estadual e, ainda, as diretoras, as vice e os funcionários de apoio, em consonância com o planejamento da Secretaria Municipal de Educação.

Paralelamente aos cursos, o grupo desenvolve também, junto à Equipe de Pastoral Social da Paróquia, trabalhos com a medicina caseira, alimentação alternativa e assessoria à creche municipal, pela Pastoral da Saúde. E ainda, dá apoio material e logístico às atividades do *Salão do Algodão*, na periferia da cidade. Trata-se de um programa de resgate da cultura, das habilidades e das tradições das tecedeiras locais (tear rústico), com extensão de cursos de bordado, pintura, corte e costura, artesanatos em barro, em palha e em papel de embalagens. Trabalho que atinge as crianças, os jovens, os adultos e os idosos do bairro. Em torno e a propósito do trabalho, acontece a organização da comunidade e das Associações de Bairro, o Movimento de Mulheres, as hortas comunitárias, etc.

Na 4ª etapa, em julho passado, uma parte do grupo esteve participando da *Romaria da Terra*, em Bom Jesus da Lapa, e das *Festas do Divino*, em Carinhanha, cidades na mesma região de Cocos. O objetivo foi observar as manifestações religiosas e culturais populares, a organização social e política da região, a atuação dos grupos e organismos de representação de classes e categorias, buscando embasamento antropológico para os conteúdos



ROMARIA DA TERRA: CAMINHADA E ENCONTRO NO LEITO SECO DO RIO SÃO FRANCISCO



...AR TENTANDO...

programados nos cursos para os professores. Segundo depoimento da professora Maria Rosa Momesso (ciências, 6ª série), participante da *Romaria da Terra*, “pela emoção vivida no sertão semi-árido da Bahia, pela história do ‘Brasil vivo’, pela riqueza dos dados da cultura e da religiosidade do sertanejo, é impossível não partilhar com vocês a emoção, as alegrias e o ânimo novo com que retornei ao trabalho no São Vicente!”

Entre as etapas, durante o semestre, acontecem no Colégio as campanhas de conscientização e de donativos. Conscientização sobre a realidade do sertanejo e do nordestino, nas exposições de trabalhos e nos conteúdos de algumas disciplinas e séries. Doações de livros didáticos e paradidáticos para a formação de bibliotecas; recursos didáticos e materiais audiovisuais para as Escolas das Vilas, retalhos e tecidos, linhas e aviamentos, papel/embalagens para o *Salão do Algodão*, numa edificante atuação do Grauninha! Brinquedos e roupas de crianças para a creche. E, na última festa “julina”, alimentos não perecíveis para os flagelados da “seca verde”, em situação de emergência, no município de Carinhanha. Algumas toneladas de donativos têm sido enviadas nas várias campanhas! Destas, toda a Comunidade Educativa participa com muito entusiasmo: os alunos, suas famílias, os funcionários, os educadores e a Instituição. Num trabalho realizado na turma 42, durante as aulas de ensino religioso, e exposto por ocasião da festa do patrono do Colégio, alguns alunos se expressaram: “São Vicente é a mão e nós somos os dedos. Juntos vamos estendê-la a quem precisa” (Diana Nakano). “Ah, São Vicente! Se você estivesse aqui e pudesse ver o nosso trabalho de Côcos. Acho que iria se orgulhar” (Marcos Vinicius Mendes). “Você ajudou os pobres e foi solidário. Agora é a nossa vez...” (Karyn Borges).

O Projeto Social de Côcos, desde a



sua origem, tem um caráter bem “Família Vicentina” e por três razões: o vínculo com as outras obras da Província, PBCM, a mantenedora do Colégio, a serviço da “missão, gratuita e voluntária; a formação de leigos - comprometidos com o desenvolvimento integral das pessoas e engajados na construção de um mundo mais digno, justo e solidário - multiplicadores da educação de qualidade e da ação em favor da inclusão e da libertação; “ir aos pobres”, conforme o desejo de São Vicente, “habitantes das vilas, povoados, campos, lugarejos e cidadezinhas mais humildes... lugares onde eles estão!” (P. Coste ‘Saint Vincent de Paul’, XIII, 260)

Além disso, os dados de uma outra realidade que não aquela do nosso convívio diário, entendidos como “chave de leitura” e como “material de troca” entre os educadores, acabam se tornando acréscimos aos conteúdos programáticos e acadêmicos. Conteúdos que favorecem, na escola, o aprofundamento com os alunos, a descoberta dos valores implícitos nas culturas diversas, a análise da realidade brasileira e a formação para o exercício da cidadania.

Retomando o depoimento da professora Abigail: “Fui lá para perceber que mesmo dentro da minha realidade, que às vezes, me parece tão ‘tecnológica’, esse milagre pode acontecer - ou quem sabe já aconteceu? - Fui para me certificar de que o magistério ainda vale a pena e que vou continuar tentando...” ■

Pe. Maurício R. Paulinelli, C. M.

AS ANGÚSTIAS

Como orientar os filhos? Mais do que isso: como acompanhá-los? Como participar sem invadir? Junto com o desenvolvimento das crianças que se tornam adolescentes, a vivência dos filhos na escola costuma marcar também uma fase da vida dos pais. Seja para adaptar sua criança a um lugar diferente da própria casa ou apoiar seu quase adulto na desgastante experiência do vestibular, a figura dos pais deve estar presente em toda a trajetória escolar, nos momentos de festa e de angústia.

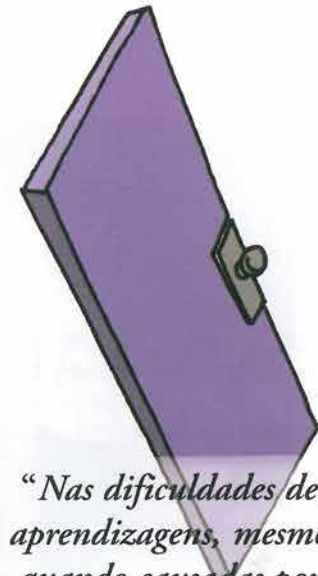
Para falar sobre essa experiência, reiterando a parceria Pais-Escola, “a chama” convidou três profissionais. Se o discurso lhe parecer familiar, não

Dificuldade de aprendizagem

(Maria Mércia de Vasconcelos – Fonoaudióloga Clínica)

O termo “dificuldade de aprendizagem” não se refere a um único distúrbio, mas a uma ampla gama de problemas que podem afetar qualquer área do desempenho acadêmico. Raramente podemos atribuí-los a uma única causa: vários aspectos diferentes podem prejudicar os processamentos cerebrais e os problemas psicológicos são complicados, até certo ponto, pelo ambiente doméstico e/ou escolar.

As crianças com esta dificuldade funcionam, na maior parte do tempo, de uma maneira compatível com sua capacidade intelectual e sua bagagem familiar e educacional, porém, em certas tarefas, seus cérebros agem como bloqueados. As áreas mais afetadas são a percepção visual, o processamento de linguagem, as habilidades motoras finas além da capacidade de focar atenção (visual



“Nas dificuldades de aprendizagens, mesmo quando causadas por problemas fisiológicos, as condições domésticas e escolares podem determinar uma deficiência leve ou um problema realmente incapacitante”

e/ou auditiva). Em alguns casos funcionam com comportamento inadequados; como têm dificuldades de tempo espaciais, normalmente desconhecem o espaço do outro, não têm limites e, quando contrariadas, podem chegar a um comportamento agressivo, complicando ainda mais suas dificuldades escolares (como é o caso das crianças hiperativas). Distraem-se com facilidade, perdem interesse por coisas novas, pulam de uma atividade para outra, deixam trabalhos inacabados, têm dificuldades de cumprir ordens, no conversar parecem não encontrar a palavra certa, são teimosas, inflexíveis, têm dificuldades para se organizar e/ou planejar etc.

Nas dificuldades de aprendizagens, mesmo quando

causadas por problemas fisiológicos, as condições domésticas e escolares podem determinar uma deficiência leve ou um problema realmente incapacitante. Crianças com dificuldades de aprendizagem geralmente usam áreas nas quais são mais fortes e compensam as que são mais fracas. Para que isso aconteça são necessários níveis adequados de estímulo e apoio, tanto em casa como na escola. Pais e escola precisam descobrir a raiz do problema e sanar as defasagens a partir do seu início. Estas dificuldades levam as crianças a serem tímidas ou agressivas podendo, na maioria das vezes, chegar tarde à escola, não entrar na classe e/ou até ter manifestações

“Os pais precisam acreditar nas reais capacidades de seus filhos para ajudá-los a superar obstáculos e estabelecer objetivos compatíveis com suas capacidades”

MARIA MÉRCIA DE VASCONCELOS



S DE TODOS NÓS

psicossomáticas. Na maioria dos casos só apoio escolar não é suficiente para suprir as necessidades dessas crianças. Existem profissionais com formação específica para avaliar e reeducar terapeuticamente, sanando ou minimizando ao máximo suas deficiências. Quanto mais cedo são ajudadas, menos defasagens e comprometimentos emocionais terão.

Os pais dessas crianças não precisam ser superpais, apenas suficientes. Poderão ajudá-las encorajando-as a fazerem o máximo que sua capacidade permite, deixando claro que não são obrigados a saber nem acertar tudo, mas que acreditam que elas podem fazer tudo que sabem. É importante fazê-las sentir sua disponibilidade para ajudá-las. Os pais precisam acreditar nas reais capacidades de seus filhos para ajudá-los a superar obstáculos e estabelecer objetivos compatíveis com suas capacidades. Para isso é necessário que busquem ajuda com profissionais que irão orientá-los após uma avaliação das disfunções de aprendizagem. Na maioria das vezes estas crianças reagem pessimamente a gritos ou cobranças impossíveis de serem cumpridas; mães estressadas após uma jornada diária de trabalho não são pessoas indicadas para ajudá-las em suas tarefas escolares, é muito mais produtivo um encontro carinhoso e gratificante nessa hora em que a família se reúne após um dia inteiro de atividades e desafios.

É importante salientar a necessidade de vivenciar todas as etapas maturacionais das crianças, não se investindo em seu potencial intelectual pulando etapas imprescindíveis a um bom desempenho nos processos de leitura e escrita.

Uma leitura interessante para os pais de crianças portadoras de dificuldades de aprendizagem é *Tendência à distração* de Edward M Hallowell, MD e John S. Ratey, MD, editora Rocco.■

Como orientar os filhos adolescentes nos dias atuais

(Maria de Fátima Šimas Malheiro - psicopedagoga)

Estamos vivendo a era do conhecimento, da informação e das grandes mudanças resultantes de um novo momento mundial. O ritmo acelerado dessas transformações gera a angústia do uso inadequado do tempo e a falta de diálogo surgem como uma característica dessa nova era. Um novo conceito é proposto, debatido, porém não vivido, principalmente no núcleo familiar.

A adolescência é momento na vida do ser humano marcado por transformações físicas, emocionais, cognitivas e sociais que se misturam com conflitos observados mundialmente nas instituições, em especial na família. Do ponto de vista orgânico, o jovem passa pelas mudanças hormonais. Uma fase de transição entre ser criança (corpo modificando) e ser adulto (quais as possibilidades desse novo corpo?). Etapa de muitos conflitos que precisam ser vividos e explicitados, e que necessitam da compreensão e segurança da família. No campo afetivo, é o momento da reafirmação de sua identidade, da conscientização de sua imagem corporal e do momento da escolha profissional no leque das inúmeras possibilidades que a nova ordem social aponta. Na construção de sua subjetividade, o jovem busca modelos no grupo social, principalmente nos seus pares (colegas, amigos, artistas e outros produtos da mídia). Portanto, ele vai precisar se expressar, ter fala própria, exercitar a argumentação e ser respeitado em suas escolhas para que

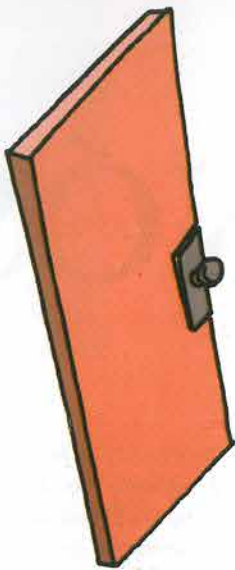
possa constituir-se num adulto autônomo e seguro. No domínio cognitivo ele vive a afirmação de seu potencial de observação, descobertas, raciocínio e do pensamento hipotético dedutivo.

Por outro lado, os pais, imersos nos conflitos atuais, mostram-se confusos diante dos embates naturais que passam seus filhos adolescentes e se perguntam como orientá-los de forma mais eficiente, na ilusão de que uma determinada ação vai desencadear a resolução do problema.

“A adolescência é momento na vida do ser humano marcado por transformações físicas, emocionais, cognitivas e sociais que se misturam com conflitos observados mundialmente nas instituições, em especial na família”

MARIA DE FÁTIMA MALHEIRO





Atualmente, observamos muitos pais preocupados com o destino de seus filhos, vivendo um profundo momento de impotência, de desilusão com os resultados alcançados nas suas inúmeras tentativas de orientar e ajudar os mesmos a viverem essa etapa de transição para a vida adulta. O que fazer? Como fazer? São perguntas que, freqüentemente, acompanham alguns pais. Angústias e afirmações, como por exemplo: “Ele ainda não amadureceu para a vida”, “Não me conta nada”, “Eu não sei com quem ele anda”, “Meu filho só pensa em academia, amigos, internet, não está nem aí para o que eu e seu pai falamos”, também são expressões comumente encontradas nas famílias.

As soluções terão que ser refletidas no contexto de cada família, tendo como parâmetro o momento vivido, os recursos disponíveis e muito diálogo, olho no olho, com respeito, pequenas negociações,

“As soluções terão que ser refletidas no contexto de cada família, tendo como parâmetro o momento vivido, os recursos disponíveis e muito diálogo, olho no olho, com respeito, pequenas negociações, limites claros e coerentes colocados com firmeza e principalmente com muito amor”

limites claros e coerentes colocados com firmeza e principalmente com muito amor.

O adulto deverá ser o contra-ponto das atitudes de seu filho, se preocupar com o processo e não com o produto apresentado (O filho que chega alcoolizado em casa, e a pergunta não é sobre a bebida, mas o que o levou a beber), procurando ser o mediador desse crescimento, acolhendo suas argumentações e escolhas, e, fundamentalmente, trazendo-o para a realidade e sabendo dizer o “não” contextualizado, sem raiva, sem deboche, porém com extrema segurança. Não é uma tarefa fácil para os pais, nem para os adolescentes.■

Criando laços

(Luci Moura - Orientadora Educacional - 1^a e 2^a séries do Ensino Fundamental

Comecei trabalhando no Colégio São Vicente de Paulo em 1985, orientando pais, alunos e professores a partir da 5^a série do Ensino Fundamental. Incrível! Suas preocupações e tentativas para possíveis soluções de problemas eram as mesmas com as quais me deparo hoje, novo milênio, com pais de 1^a e 2^a séries do Ensino Fundamental. Para os pais, os filhos são sempre pequenos e indefesos, não importa a idade.

Chegando setembro, começamos a preparar o “São Vicente de Portas Abertas”, momento em que os pais “curiosos” buscam saber um pouco da história desta Instituição em que pretendem colocar seus “bebês”.

Recebemos crianças de mais ou menos 29 escolas diferentes a cada ano. Pais de primeira vigem, pais ex-alunos, pais de escolas conveniadas, pais indicados por outros pais, acima de tudo Pais, buscando acertar na educação dos seus filhos que serão nossos futuros alunos.

O contato com essas pessoas — com seus “ternos”, “tailleurs”, etc —, os apresenta tão frágeis como seus filhos e, nesse momento de decisão, mostrando-se fortes para os filhos. As preocupações com o novo são angustiantes, perdem a fala, olhos lacrimejam, tentando soluções para possíveis problemas dos filhos (turma, amigos, professores) que, na

“Para os pais, os filhos são sempre pequenos e indefesos, não importa a idade”

verdade, são suas, dos próprios pais.

Buscamos escutar, caminhar juntos, proporcionar parceria Pais-Escola, objetivando uma segurança, quer emocional, quer pedagógica, através de reuniões, encontros bimestrais de Pais, entrevistas e um acompanhamento mais de perto, junto a profissionais especializados, para aquelas crianças que necessitam de uma maior atenção. O primeiro dia de convivência é uma festa. Crianças descobrindo o novo, a escola grande, a cantina, as quadras de esporte, porém, para os pais, muitas vezes, esse novo momento é traumático: como está meu filho? Chorando? Perguntando por mim?

Enquanto isso, a Escola pertence a esses novos alunos, vivenciando situações que já não são mais novas; a Escola já lhes pertence: buscando uma transformação interior, eles já parecem ter vestido a camisa do “Educar para Transformar”.■

“O contato com essas pessoas — com seus ‘ternos’, ‘tailleurs’, etc —, os apresenta tão frágeis como seus filhos e, nesse momento de decisão, mostrando-se fortes para os filhos”

LUCI MOURA





Pais, filhos e escola: crescendo juntos

“Rotinas: hábitos, atitudes e valores. Onde está a família?”. Para uma boa pergunta como essa, quem esteve presente no auditório do São Vicente no dia 26 de setembro teve também boas respostas. O tema foi apresentado e discutido pela psicopedagoga Ana Maria Lacombe, que mostrou para os pais um quase histórico do desenvolvimento e dos limites das crianças.

A linha do tempo

Segundo a palestrante, a criança começa a criar identidade aos dois anos — é a fase do “não”. Por volta dos três, ela se reconhece como indivíduo e diz “eu” pela primeira vez. Somente a partir daí a lei pode se instalar. Portanto, pais veteranos e de primeira viagem, atenção: não adianta impor normas aos seus pequeninos porque, até dessa idade, eles são amorais, vivem na fase chamada de “anomia”. “Um bebê tem hábitos, rotina, mas não noções de regras. Isso tem a ver com a identidade”, explicou.

No período entre cinco e sete anos, a criança vê a regra encarnada em alguém que ela respeita. Não é raro ouvi-la dizer “Meu pai falou”, “Minha tia disse”.

Por volta dos nove anos, as regras começam a ser interiorizadas, a fazer parte da vida, sem que alguém precise cobrar. E a criança é capaz até de questioná-las. É também nessa fase que começa a aparecer a generosidade.

Tem início, então, um dos grandes papéis dos pais: mostrar-se para o filho como representantes e não encarnação da regra, deixar claro que também obedecem normas. Assim a criança vai entender que todo mundo, em algum momento, representa a lei, inclusive ela própria, no seu quarto, com seus brinquedos, por exemplo. O grande desafio, então, lembrou a palestrante, é ter autoridade sem ser autoritário. A pergunta é: como?

Um mundo de pernas para o ar

Ana Maria não apresentou receita de bolo, mas fez uma platéia encantada refletir um bocado. Segundo ela, toda instituição — família e escola — deve ter instituídos e instituintes. Os instituídos são as normas, os parâmetros, que permitem a organização. Mas aí surge um problema: o mundo virou de cabeça para baixo e os instituídos também. Se os pais ficaram sem referências, imagine os filhos... “Os instituídos não ficam muito claros, só quando começa a transgressão é que cai a ficha”, alertou.

Trabalho demais, falta de tempo, pouco convívio: tudo isso joga contra os antigos rituais familiares e a favor do individualismo. Quase não há mais regras na família. A escola se tornou o primeiro lugar em que as crianças vão ser verdadeiramente submetidas às leis. E isso pode ser muito assustador. Segundo ela, escola e família devem ser parceiras nesse barco novo que é o mundo de hoje. Questionar o colégio é um direito saudável dos pais, mas eles devem evitar desqualificar a escola e suas regras. E conclui: “Ainda bem que a escola é o ensaio geral do mundo. Viver é difícil, conviver é difícilíssimo”.

Para encerrar, Ana Maria citou Françoise Dolto, uma psicóloga francesa: “A vida impõe sofrimentos. Todos os desejos não podem ser realizados nem satisfeitos, mas todos deveriam poder ser expressos, pois nenhum desejo é culpável nem perigoso de imaginar e expressar. Ao menos não deveria sê-lo. A única coisa que deveria ser ensinada é a impossibilidade de sua realização”. A lição estava aprendida.■

Olimpíadas 2001



Os gregos criaram os Jogos Olímpicos há mais de três mil anos para exibir suas habilidades e agradar os deuses do Olimpo. Quando os romanos dominaram a Europa, por volta do Século II antes de Cristo, os jogos entraram em decadência, até que um imperador mandou derrubar os templos e o estádio de Olímpia.

A idéia de trazer de volta os jogos foi do francês Pierre de Fredy, conhecido como Barão de Coubertin que, em 1894, fundou, junto com representantes de 15 países, o Comitê Olímpico Internacional. Em 1896, na Grécia, foram realizados os primeiros Jogos Olímpicos da era moderna, com a participação de 285 atletas.

Desde então, as Olimpíadas se transformaram no maior evento esportivo do mundo, reunindo atualmente cerca de 200 delegações e mais de dez mil atletas. Muita coisa mudou, outras permanecem exatamente como o Barão imaginou: a bandeira olímpica, com os cinco anéis representando os continentes; a tocha olímpica, que é levada de Atenas, capital da Grécia, até a sede dos jogos para acender a pira que permanece acesa enquanto dura a competição; e a cerimônia de premiação depois de cada prova, quando os melhores atletas recebem medalhas de ouro, prata e bronze.

No São Vicente, as Olimpíadas são anuais e sempre representam um momento marcante do calendário escolar. Este ano, para as turmas de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental, as competições começaram no dia 6 de setembro e contaram com partidas de futebol, queimado, corrida e bola ao cesto. Para os alunos de 5ª a 8ª série, o desfile de abertura foi no dia 28 de setembro e foram disputadas partidas de futebol, handebol, volei e basquete, para meninos e meninas.

As Olimpíadas do Colégio podem não ser tão grandiosas quanto os Jogos Olímpicos, mas certamente mantêm o mesmo ideal de congraçamento e respeito entre os atletas e o mesmo espírito esportivo, segundo o qual "o importante não é ganhar, mas sim competir". ■



Obesidade infanto-juvenil, atividade física e mudanças

Como acontece há algum tempo nos Estados Unidos, a obesidade infanto-juvenil vem aumentando muito em nosso país. Isso traz grande preocupação para os profissionais da saúde, pois a maioria dos indivíduos obesos enquanto crianças e adolescentes tornam-se adultos obesos.

A obesidade infanto-juvenil tem sido associada a vários fatores de risco para doenças crônicas em adultos, como doenças cardíacas, diabetes e outras patologias, sendo, por isso, considerada atualmente uma doença que, segundo o relatório de 1997 da Organização Mundial da Saúde (OMS), já não deve ser motivo de apreensão somente para os países mais ricos e tecnologicamente mais avançados, mas também para a sociedade menos abastada.

Qual o motivo desse aumento? Parece que as crianças e os jovens de hoje são mais sedentários do que os de gerações anteriores. Pesquisas recentes constataam que a diminuição das atividades físicas e os baixos níveis de gastos energéticos são algumas das principais causas da obesidade infanto-juvenil e que o aumento da prática de atividades físicas tem se mostrado eficaz no controle da obesidade entre jovens e crianças. Cientistas recomendam a instalação, desde a infância, de hábitos e estilo de vida saudáveis para a prevenção e controle da obesidade.

Será a juventude obesa insuficientemente ativa? Alguns estudos sugerem que o decréscimo no gasto energético diário, sem o correspondente decréscimo na energia total ingerida, seja o responsável pelo aumento do número de obesos. Provavelmente, 50% das crianças obesas, com seis anos ou mais, se tornarão adultos obesos enquanto somente 10% das crianças não obesas correrão esse risco. Em relação aos adolescentes, 70% dos obesos irão se tornar adultos obesos, sendo que o risco aumenta para 80% quando os pais são obesos.

O que está por trás da inatividade infanto-juvenil? Indivíduos jovens gastam grande parte do tempo em ocupações de lazer sedentário, como computador, televisão e outros, o que aumenta o risco da obesidade. Diminuir o número de horas em frente da televisão pode ajudar a perder gordura. Algumas organizações recomendam que a TV seja limitada a duas horas por dia e que seja praticada, durante 60 minutos, atividade física diária de intensidade moderada.

O que os pais podem fazer para evitar que seus filhos fiquem obesos? A atividade física não deve ser o único elemento no controle da obesidade infantil. Outros fatores importantes são as modificações no comportamento e na dieta. A participação dos pais é fundamental nesse processo, pois se eles têm atitudes positivas, as crianças ficam mais amparadas em relação às mudanças. É importante envolver a família toda na mudança de hábitos, pois, embora a obesidade tenha diversas causas, o fator ambiental certamente possui um papel de destaque. O controle de peso, no entanto,



é baseado na balança energética. As pessoas perdem peso quando gastam mais calorias do que ingerem, portanto, emagrecer envolve duas coisas: COMER MENOS E SE MEXER MAIS! As crianças devem modificar sua dieta gradualmente, evitando lanches ricos em gorduras e comendo mais frutas e legumes. A diminuição das porções nas refeições também é recomendada. Isso, associado a uma vida mais ativa, do ponto de vista corporal, certamente irá nos ajudar a combater a obesidade infanto-juvenil.■

Ricardo Oliveira
professor de Educação Física

Criança é vida

A criança de hoje é diferente da de ontem porque conhece melhor sua liberdade. Sua educação é mais livre. Ela participa mais da família, da sociedade e da escola.

Sua vontade é atendida, sua voz é ouvida. Tudo isto, até bem pouco tempo, não acontecia.

Nas atividades inerentes à educação física escolar estão presentes as concepções básicas da relação criança-espaco: liberdade, coordenação motora global e espontaneidade.

Criança quer pular, saltar, correr, se mexer. Criança é energia pura. É só, então, aproveitar tudo isto num trabalho consciente e disciplinado que vise ao seu melhor desenvolvimento e sua integração

no mundo como um ser capaz e saudável, física e mentalmente. Porque criança é vida, e onde há vida, há recreação, desporto, lazer. Então, o mais importante de se compreender em relação à recreação é que ela não constitui um luxo e sim uma necessidade. Não é simplesmente uma atividade de que a criança gosta, mas um espaço de que ela necessita para crescer.

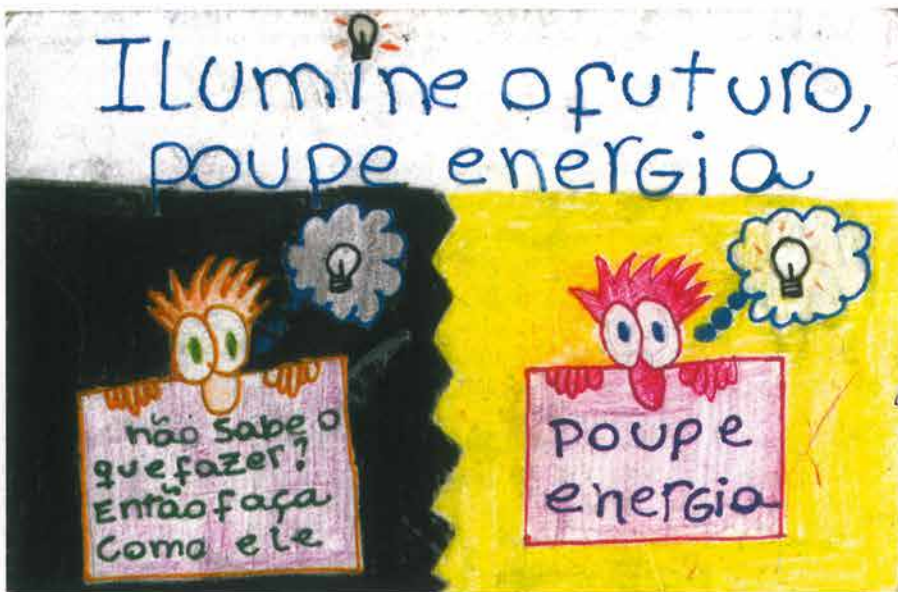
A atividade física e a recreação são mais do que parte essencial da sua educação, são parte essencial da lei do seu crescimento, do processo através do qual ela avança para a idade adulta.■

Rose Mary M. Oliveira
professora de Educação Física

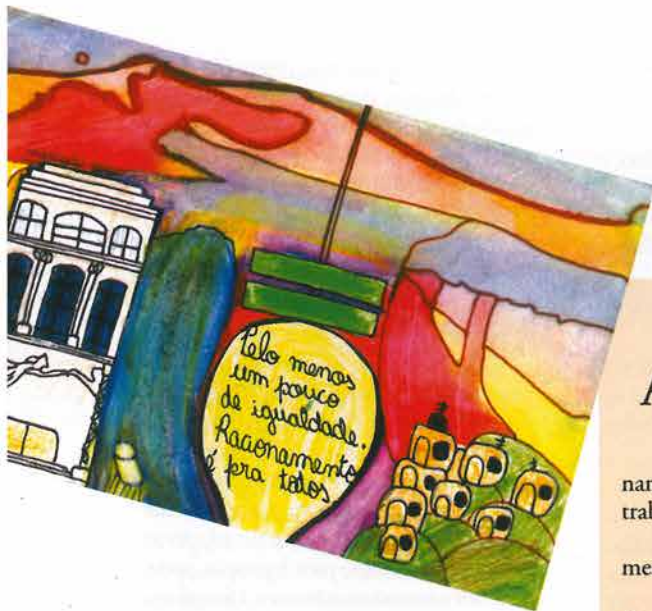
Economizando e esbanjando criati

A ausência de chuvas no país e a falta de investimentos no setor energético levaram o governo brasileiro a tomar medidas drásticas contra o desperdício de energia. Nos meios de comunicação a mensagem era uma só: economizar. Em cada casa foi preciso estabelecer novas regras para o uso racional da eletricidade. Enquanto, nas usinas, os níveis dos reservatórios baixavam de forma preocupante, a população foi obrigada a aprender como gastar menos energia elétrica e, dessa forma, evitar o apagão total.

Com o intuito de levar os alunos a refletirem sobre a questão, a professora Abigail Barbosa (português, 6ª série) botou a turma para trabalhar. A tarefa proposta era a confecção de cartões postais sobre o tema *Racionamento de energia*. O resultado, que você confere na “chama”, foi de dar água na boca de muito publicitário. ■



nergia, vidade



Apagão: escuro, medo e outras histórias

A partir da reflexão e análise de situações que ocorrem com o problema do racionamento de energia nos dias atuais, as turmas da 1ª série do Ensino Fundamental trabalharam com histórias de medo do nosso folclore.

Brincando e aprendendo, as crianças puderam expressar livremente seus sentimentos, medos e angústias.

O trabalho foi desenvolvido a partir das experiências das próprias crianças, além de pesquisas, entrevistas, leitura de reportagens e da dinâmica que envolveu diversas áreas do conhecimento, como arte, música, biblioteca, matemática e informática.

A culminância do projeto foi a exposição dos trabalhos das crianças na Feira da Qualidade de Vida: um corredor do medo... escuro... com muita magia e figuras "medonhas", uma sala com teatro de sombras.

Na *sala do apagão*, como ficou conhecido o local da exposição da 1ª série do Ensino Fundamental, o sucesso foi total. Na fila para entrar, a curiosidade. Lá dentro, no escuro, com uma lanterna na mão, os visitantes iam caminhando entre morcegos de papelão e outros bichos criados pelas crianças. Desse jeito assim meio divertido, as pessoas se deparavam com figuras folclóricas que, de certo, um dia povoaram sua imaginação.

Tinha o "Homem do saco", velho, barbudo e esfarrapado, pronto para carregar as crianças que não fossem boazinhas e obedientes. Tinha o Saci Pererê, moleque de uma perna só, que fuma cachimbo e usa uma carapuça vermelha que lhe dá o mágico poder de aparecer onde quiser e desaparecer quando quiser só para nos pregar peças. Tinha o Boitatá, um monstro com enormes olhos de fogo, que de dia é quase cego e à noite tudo vê; uma espécie de cobra que mora no fundo dos rios e, segundo a lenda, persegue os viajantes noturnos. Tinha o Lobisomem, cuja lenda afirma ser o oitavo filho homem de uma família de sete meninas que, depois de completar 13 anos, nas noites de sexta-feira, se transforma numa terrível criatura meio homem meio lobo para assustar as pessoas até o sol nascer. E nunca é demais lembrar, que quem estiver no caminho do Lobisomem, nessas noites, deve rezar três Ave-Marias para se proteger. E se tudo isso não bastasse, lá estava a Mula-sem-cabeça que aparece nos pequenos povoados ou cidades, onde existem casas rodeando uma igreja, quando alguém passa correndo diante de uma cruz à meia-noite. Diz o povo que a Mula é uma mulher que namorou um padre e foi amaldiçoada e que para não ser atacado por ela é preciso deitar de bruços no chão e esconder as unhas e os dentes.

As histórias são assustadoras, não? Mas o clima na *sala do apagão* era mesmo de brincadeira. Dos pais e alunos que por lá passaram só se ouviam elogios: "Uma aula de criatividade!", "Um espetáculo!". Motivo de sobra para a equipe de professores da 1ª série - Alessandra, Edna, Márcia Vieira e Maria Lúcia - se encher de orgulho pelo trabalho realizado.

Orientação profissional

No presente, de o

A cada ano, milhares de jovens se defrontam com o problema da escolha profissional. Essa escolha é de uma importância decisiva na vida de cada pessoa, tendo reflexos na vida familiar e na comunidade à qual se pertence.

Sabemos que a opção profissional não pode ser improvisada, que é um processo, e que é muito difícil discernir e acertar. Escolher é uma das tarefas mais difíceis da vida! Sempre que optamos por alguma coisa, estamos perdendo muitas outras. Esta é a sensação que os jovens têm: que quando escolhem uma profissão, estão desistindo de todas as outras! Por isso, frente às suas primeiras e inúmeras escolhas, sentem-se muitas vezes confusos e angustiados. As alternativas existem, e optar por uma delas não é necessariamente um passo definitivo, sempre se pode voltar atrás e recomeçar.

Esta escolha tem um lado pessoal e subjetivo, mas como tudo em nossa vida, também tem um lado comunitário e social. Este processo se dá em um contexto mais amplo do que a própria vida pessoal, diretamente relacionado com a questão do mundo do trabalho.

O prazer da carreira

Com muito prazer pude comparecer ao CSVP no dia 2 de abril para, juntamente com outros pais de alunos engenheiros, passar um pouco da nossa vivência desta carreira tão bonita, que já significou até *status* no passado, mas que não perdeu o seu encanto. E um país que está entre as maiores economias do mundo industrializado, não pode prescindir de engenheiros capazes e criativos.

De fato procurei passar a realidade da engenharia brasileira, que chegou ao seu melhor nível de oportunidades nas décadas de 70 e 80, notadamente com o forte investimento da Petrobrás no Rio de Janeiro, que naturalmente movimentou outras áreas da engenharia, como a construção naval, indústrias, projetistas, etc, principalmente no desenvolvimento da exploração do petróleo na Bacia de Campos. Houve uma forte queda nos investimentos a partir do final da década de 80, mas já neste início de século despontam várias áreas como gás, telecomunicações e até mesmo a área de petróleo, que certamente demandará petroleiros, revitalizando a construção naval, grande tradição em nosso estado.

Gostei muito da participação dos alunos, com perguntas pertinentes, todos mostrando maturidade e conhecimento, respeitando as belas palestras dos pais engenheiros, que também me impressionaram pela qualidade das apresentações e, principalmente, pela paixão que transmitiram por esta carreira, fundamental neste mundo globalizado e de forte competição tecnológica.

Parabéns esta iniciativa deste nosso CSVP, que além de proporcionar aos alunos informações importantes e esclarecedoras para a decisão que brevemente terão que tomar, a escolha da carreira, também possibilita a integração dos pais com o Colégio e seus alunos e filhos. Naturalmente tudo isto é muito prazeroso para nós pais e, volto a dizer, uma iniciativa muito inteligente, mostrando que a Escola está sintonizada às necessidades dos futuros profissionais brasileiros.

Mais uma vez agradeço pela minha família a oportunidade, e sempre nos colocaremos à disposição do nosso colégio.

Álvaro de Almeida Costa Tavares
(pai do Sérgio Tavares – 3º C)

Por este motivo, nós, orientadoras do Ensino Médio, desenvolvemos diversas atividades, a partir da 1ª série, divididas em duas etapas, que ocorrem simultaneamente. Acreditamos na importância deste trabalho na escola, pois quanto mais informações os alunos tiverem sobre os cursos e carreiras e quanto mais oportunidades de reflexão, maior clareza terão para a sua escolha.

Chamamos a primeira etapa de *Orientação Vocacional*, e a desenvolvemos nos *Encontros de Turma*. Trabalhamos o “Conhecimento de si mesmo”, tendo como objetivo desenvolver com o jovem a capacidade de perceber-se, primeiramente expressando suas expectativas em relação ao processo de orientação para, logo após, poder descobrir seus gostos e interesses. Discutimos também a questão da família, suas expectativas e vivências. Por fim, a escolha propriamente dita e todos os sentimentos relacionados a ela, a elaboração do luto, as perdas e ganhos e a questão da decisão e suas implicações.

A segunda etapa, *Informação Profissional*, tem como objetivos levá-los a buscar informações sobre os cursos e carreiras de seu interesse. Ela é desenvolvida em diferentes momentos, durante todo o Ensino Médio.

Nos *Encontros de Turma*, trabalhamos o “Conhecimento do mundo do trabalho e das profissões”, incluindo todas as informações sobre os diferentes cursos — universitários ou não — e possibilidades de trabalho. Discutimos questões de “empregabilidade” e da globalização e suas conseqüências no mundo atual.

Nas visitas às Universidades, desenvolvemos uma atividade bastante enriquecedora, na qual os alunos têm a oportunidade de visitar laboratórios, salas especiais dos diversos cursos, conversar com alunos e professores... enfim, sentir o “clima universitário”, que é bem diferente do da escola. Os alunos que desejam um curso na área biomédica, por



olho no futuro

Buscando o caminho da felicidade

Ainda me lembro bem das dificuldades que encontrei para escolher a profissão que me agradasse nos meus 18 anos. Achei a princípio que seria diplomata e, para isso, era necessário cursar direito ou economia. Fiz o vestibular para direito e, logo nos seis primeiros meses de faculdade, descobri que precisava abraçar uma profissão basicamente criativa. A arquitetura surgiu como a opção na qual poderia desenhar o tempo todo, que era o que eu realmente gostava de fazer.

O *Painel de Profissões – Arquitetura*, do qual participei com mais quatro colegas – também pais de alunos –, foi extremamente interessante e acho que bastante abrangente em relação aos diversos caminhos que o arquiteto pode seguir. Do profissional atuando na secretaria de obras – governo estadual – até o que se especializou em instalações comerciais, passando pelo educador, o arquiteto de interiores, o voltado para projetos habitacionais ou o designer, todos deram seu depoimento sobre os prós e contras da profissão.

Os alunos que participaram do painel puderam avaliar corretamente todas as opções que a arquitetura oferece. O que deixamos bem claro é que o mais importante para a realização profissional é o fato de que a busca da felicidade está intimamente ligada ao cotidiano de cada indivíduo. Que se ele está plenamente realizado com a sua escolha profissional, já está com meio caminho andado; será irremediavelmente feliz.

Raul Amorim

(pai do Pedro Amorim – 3º C)

exemplo, muitas vezes desistem ao entrar no laboratório de anatomia, onde acontece um verdadeiro “teste de vocação”.

As universidades particulares, em sua maioria, oferecem um programa de visitas aos estudantes com condução, lanche e até brindes especiais. É a forma mais eficiente que elas encontraram de fazer a propaganda de seus cursos. Já para visitar as universidades públicas, precisamos do apoio de alguns pais de alunos ou professores que trabalham nelas e, mesmo assim, muitas vezes encontramos dificuldades. Estas são as visitas que os alunos mais gostam, afinal, é o sonho da maioria deles!

Muitas vezes encontramos ex-alunos nas faculdades, o que torna a visita mais rica em troca de experiências e contato afetivo!

No *Painel de Profissões*, atividade programada para o final do 2º ano,

fazemos uma avaliação do trabalho de orientação vocacional desenvolvido e um levantamento das profissões que interessam mais aos nossos alunos. Durante o ano seguinte procuramos realizar *Painéis de Profissões* sobre as mais procuradas, que este ano foram: Direito, Comunicação, Economia, Medicina, Engenharias e Administração.

Nas primeiras reuniões de pais do ano, convidamos os responsáveis que queiram participar a inscreverem-se, preenchendo uma ficha. Selecionamos os candidatos a partir do assunto do painel e os convidamos para uma noite, sempre em um grupo de cinco a oito profissionais. Em alguns momentos, também convidamos alguns ex-alunos para darem o seu depoimento. Eles vêm até a escola para contar aos alunos sobre suas carreiras, cursos que fizeram, habilidades necessárias, experiências profissionais, alegrias e decepções. Cada um fala de 15 a 20 minutos e depois abrimos espaço para



PALESTRA DE PAI E VISITA ÀS UNIVERSIDADES



os alunos levantarem suas questões.

Essa atividade é sempre um momento muito rico, pois a troca de experiências entre gerações nem sempre é fácil e, neste caso, flui de forma muito agradável e proveitosa. Os alunos vêm ávidos de saber sobre a realidade do mercado de trabalho e do que precisam lutar para alcançar.

Em 2000 aconteceram painéis de Medicina, Psicologia, Economia e Administração, Carreiras Artísticas e Propaganda e Marketing. Em 2001, já foram realizados os painéis de Arquitetura/ Desenho Industrial, Engenharias, Direito e de Carreiras Biomédicas. Todos foram muito interessantes, pois conseguimos profissionais das mais diversas áreas e setores de trabalho, tornando a atividade muito enriquecedora. Foi gratificante perceber o quanto uma profissão pode tornar as pessoas orgulhosas do fruto do seu trabalho e é exatamente este entusiasmo que pode contagiarmos os nossos jovens no desejo de construir um futuro promissor!

Enfim, acreditamos que a vida é um projeto de “Faça você mesmo” e quando procuramos respostas para esta pergunta, mesmo que com o passar do tempo elas venham se modificando, estamos de certa forma definindo o rumo de nossas vidas, o significado maior, o sentido, a direção. Com este projeto de vida, temos definição de metas a perseguir, sejam elas de ordem pessoal, social e profissional. Dedicando nosso tempo para alcançar a curto, médio e longo prazo os nossos objetivos, com certeza teremos maiores chances de sucesso e é isto que queremos para os nossos alunos!■

Maria Clara de Castro Borges
Maria Eleonora Caldeira
Orientadoras do Ensino Médio

A PARCERIA F

“**R**eunião de pessoas para um fim de interesse comum”. Essa é a definição que o dicionário Aurélio dá para a palavra parceria. Para o São Vicente, o “fim de interesse comum” é a formação de seus alunos, a transformação deles em cidadãos capazes de atuar no mundo de forma crítica e participativa; e as “pessoas” seriam o Colégio e as famílias desses alunos.

A materialização dessa parceria pode acontecer de várias maneiras, dentre elas, na participação efetiva em reuniões de pais, na realização de eventos esportivos, artísticos e pedagógicos, no envio de cartas e e-mails com críticas, questionamentos e sugestões, na partilha de experiências profissionais com os alunos e na colaboração com os grupos de ação social existentes no Colégio.

O ideal seria que todos, a sua maneira e dentro das suas possibilidades, participassem. É difícil alcançar o ideal? Certamente que sim, mas vale a pena tentar.

As dificuldades

Muitas vezes, a vontade de participar mais de perto da vida escolar dos filhos é grande. Existem, no entanto, diversos empecilhos. A falta de tempo, por exemplo, é apontada por muitos pais como uma das principais dificuldades para uma presença mais efetiva na escola. A causa seriam os inúmeros compromissos de trabalho que a quase totalidade deles precisa assumir para garantir a subsistência da família.

“Eu considero a minha participação responsável, interessada e motivadora. Procuo acompanhar o desenvolvimento das atividades realizadas em sala de aula, acompanhar



FELIPE E ELIANE ALBO - GIULIA E CRISTINA FERRARESI - GRUPO DA APM: DIFERENTES FORMAS DE

as tarefas de casa e o calendário de testes e provas, me colocando à disposição para ajudar no que for preciso, e estar presente nas feiras, palestras e apresentações do coral e do teatro. Há, no entanto, fases em que a minha vida profissional me impede de estar mais disponível e receptiva para o dia-a-dia escolar de Laura e eu acho que isso prejudica um diálogo contínuo, informal e espontâneo, fundamental para que ela sinta que verdadeiramente me interessa e valorizo o seu processo escolar”, confessa a arquiteta Renata Bondim.

Na visão de Edevino Panizzi e sua mulher Elizabeth Taucei, pais de Raphael e Thiago, a vida atribulada que pais e filhos têm na atualidade faz com que as prioridades tenham que ser criteriosamente selecionadas. Segundo eles: “Você pode até explicar aos seus filhos que não foi possível dar boa noite na hora de eles dormirem porque precisou fazer hora extra para ganhar um pouco mais de dinheiro e poder pagar a mensalidade da escola, mas não pode usar esse pretexto para justificar sua ausência o tempo todo”.

A falta de tempo não é tudo. Existem dificuldades inerentes ao próprio relacionamento entre pais e filhos e que variam muito ao longo do processo de amadurecimento da criança. “Enquanto as crianças são

pequenas tudo é mais fácil, mas na adolescência a resistência começa a ser maior. O cuidado na maneira de falar e dar sugestões é importante, pois nessa idade qualquer coisa pode ser vista como intromissão. Acho que o segredo é ser amiga da minha filha e de seus amigos. Eu me dou bem com todos eles e sinto que eles também gostam de mim. Assim, fica mais fácil participar”, afirma Cláudia de Mello da Fonseca, mãe de Ana Cláudia (t. 72)

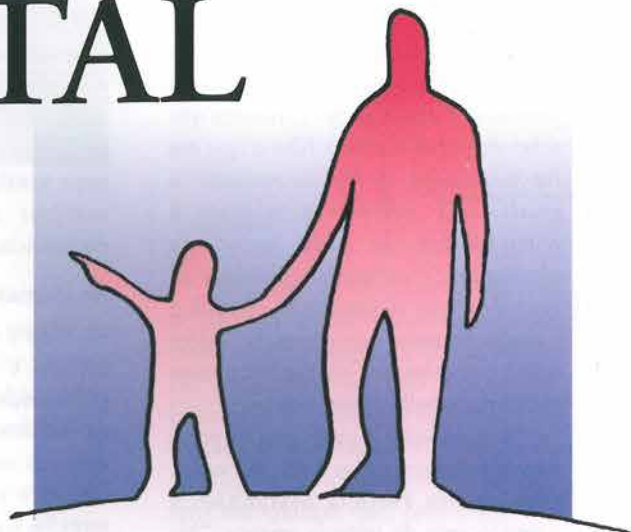
A participação dos pais, portanto, passa obrigatoriamente por um bom entendimento com os filhos dentro de casa. Para isso, o diálogo é fundamental. Mas como dialogar com os filhos?

Edevino e Elizabeth acreditam que, em primeiro lugar, só há diálogo com os filhos se houver diálogo entre os próprios pais. Para eles, também é importante que o diálogo esteja no nível dos filhos e que seja visto como algo mais do que um simples papinho agradável e sem briguinhas. O casal acha que dialogar também é impor limites e mostrar que todos têm responsabilidades. É dizer a verdade e não ter vergonha de não ter resposta para tudo o que acontece. É estar disponível para buscar respostas junto com os filhos e estar consciente de que eles não são propriedade dos pais e que

UNDAMENTAL



ARTICIPAR



devem ser educados para o mundo. Eles também acreditam que a troca de experiências entre os próprios pais, em grupo, contando seus relacionamentos com os filhos, ajudaria a todos, pois as dúvidas e incertezas são muito parecidas.

Muitas vezes, a falta de participação deve-se única e exclusivamente à falta de informação. Uma das maiores dificuldades que o Colégio enfrenta para ampliar o contato com as famílias é, segundo Nina Cunha, coordenadora pedagógica do CSV, a da deficiência de comunicação. Muitas vezes os alunos deixam de entregar aos pais as circulares enviadas pela Escola. Isso prejudica a divulgação dos eventos e diminui a frequência dos pais, que tem sido de cerca de 30% nas Feiras Pedagógicas e de 50% nas reuniões. “Alguns adolescentes até preferem manter os pais distantes daquilo que acreditam ser o ‘seu espaço’”, completa a coordenadora. A solução para esse problema pode ser a consulta mais frequente à *homepage* do Colégio (www.csvp.g12.br), onde os pais podem ter acesso às circulares emitidas, tomar ciência de todas as atividades previstas, conhecer os trabalhos desenvolvidos pelos alunos e, dessa forma, articular uma maior participação, dentro de suas possibilidades.

Para Renata Bondim, no entanto, existe ainda um outro problema a ser superado pela escola. Na sua opinião, em algumas ocasiões, a vontade que o Colégio tem de construir uma relação verdadeira de compartilhamento de responsabilidades – entre pais, alunos e escola – esbarra na deficiência de encaminhar, junto ao professorado e até a alguns responsáveis pela disciplina, ações necessárias para a efetivação de propostas discutidas e aprovadas nas reuniões com os pais. Mas esse fato, ainda segundo Renata, não deve impedir a parceria, pois tudo isso faz parte de um processo que, bem cultivado, tende a ser fortalecido.

As motivações

Se existem mil entraves à participação dos pais, existem também mil motivos para que eles estejam presentes. A possibilidade de oferecer aos filhos experiências e oportunidades importantes para a sua formação sempre serve para dar aquele “empurrãozinho”.

“Eu e a Rosa sempre desejamos participar do processo de formação de nossa filha e acreditamos que se os pais não preencherem o seu espaço, alguém o fará”, explica Alexandre Mendes, pai da Ana Beatriz (t. 31).

Para eles, a oportunidade surgiu durante a segunda reunião de pais e

mestres da 3ª série, quando a professora Nancy solicitou voluntários para o desenvolvimento de alguns temas que a turma abordava em sala de aula. Alexandre conta: “Dentre os assuntos propostos, o tema *Baía da Guanabara* era de meu conhecimento e de grande importância para a cidadania dos nossos carioquinhos. Sendo assim, me ofereci, preparei o material e enfrentei as ‘ferinhas”.

Para Alexandre, que sempre acreditou que a abordagem prática ajuda na fixação do que se aprende em sala, o resultado pedagógico desse tipo de iniciativa é magnífico. “Acho que as crianças ficam tão envolvidas, que nem percebem que estão estudando”, diz ele.

Quem completa a idéia é Patrícia Maranhão, que teve a oportunidade de fazer a palestra *Cuidados com os dentes* para a 4ª série: “A atividade ‘extraclasse’ tem uma grande influência sobre as crianças. Estimula o aprendizado, trabalhando sua curiosidade sobre o assunto e fazendo com que elas se preparem para refletir e discutir de maneira ordenada o tema proposto”.

Servir de exemplo e estímulo para um maior envolvimento dos filhos em atividades extracurriculares também pode ser um boa razão. “Eu e meus pais trabalhamos há muitos anos em uma

obra social do colégio em que estudei e isso sempre foi um exemplo muito importante para mim. A gente cresce muito como pessoa quando vivencia realidades diferentes da nossa. Há uns quatro anos, quando eu soube da criação do Grauninha, me interessei e procurei a professora Edna. Essa foi a maneira que achei de passar à minha filha o que me foi ensinado. Acho importante e gratificante incentivar crianças a participarem da vida social da comunidade e melhorar a qualidade de vida dos que necessitam”, justifica Cláudia Fonseca, que completa: “Além disso, pessoalmente eu também gosto muito de trabalhar com crianças”.

Nem sempre a participação parte espontaneamente dos pais. Às vezes, como conta Patrícia Maranhão, a sugestão vem da própria criança: “Na realidade, a idéia foi da Marcella, que disse para a professora de ciências que eu era dentista e que poderia fazer uma palestra para a turma”.

A relação entre parceiros não é unilateral. Ela é como uma moeda: tem duas faces que se completam. Isso significa que cobrar da escola a realização de expectativas também é uma forma de participar. Esse, por exemplo, foi o caso de Patrícia Aquino e seu marido Maurício. Católicos praticantes, eles esperam que os filhos – Luis Paulo (2ª série do EM); André (8ª série); Marcos Vinícios (4ª série) e Fernando, que estuda na UFRJ – estejam com eles nas missas de domingo por opção própria e não por obrigação. Cientes de que esse pode ser o desejo de outros pais e uma alternativa para os filhos, apresentaram ao Colégio um

projeto cujo objetivo é aproximar o jovem da Igreja. Eles argumentam: “A família é a principal responsável pela educação cristã dos filhos, mas, ao escolhermos um colégio católico, contamos com a força e o posicionamento da escola para tornar mais efetivas as nossas opções”. Por causa disso, eles procuraram o São Vicente, souberam das iniciativas que já existem nesse sentido e foram convidados a se integrar a elas, trazendo novas experiências.

As formas de participar

Não é difícil perceber que existem muitas e diversificadas formas de participação dentro do ambiente escolar. Ao seu modo, cada uma delas serve para estreitar os laços entre o Colégio e a família e para fortalecer, em todos os sentidos, o processo educativo dos alunos.

A participação nas reuniões de pais, por exemplo, é fundamental para o acompanhamento da vida escolar dos filhos. É uma forma de contato sistematizado, em que pais, professores e coordenadores podem discutir suas dúvidas e encontrar soluções para os problemas comuns. Além de necessária, no entanto, a presença em outras atividades pode se mostrar bastante enriquecedora.

Sobre a participação no Grauninha, quem fala é Cláudia: “Nas nossas reuniões, levamos alguns projetos para serem debatidos e deixamos que as crianças dêem opiniões e sugestões. Juntos, decidimos como executá-los. Organizamos campanhas de arrecadação de alimentos, roupas, material escolar;

temos barracas em feiras e festas para arrecadar recursos; damos assistência a uma instituição de crianças carentes durante todo o ano, visitando, ajudando financeiramente quando necessário e promovendo uma festa de Natal para as crianças da instituição. Enfim, damos às nossas crianças e a nós mesmos a oportunidade de sermos mais humanos, menos insensíveis e mais responsáveis pelo cuidado com o mundo em que vivemos”.

A experiência daqueles que se tornaram “professores” por um dia, pode ser resumida por Alexandre – “As crianças superaram em muito a melhor das expectativas de participação, pois foram tão pró-ativas, que se não determinássemos um limite máximo de tempo de apresentação, estaríamos até agora no auditório” – e por Patrícia Maranhão – “Descobri uma turma muito bem preparada para ouvir e com questionamentos bastante inteligentes. O grau das perguntas que me fizeram me fez esquecer que estava diante de crianças de dez anos”.

Muitos pais optam por colaborar nos eventos pedagógicos. Na *Feira da Qualidade de Vida*, por exemplo, eram inúmeras as oficinas organizadas pelos pais, dentre elas a de yoga, que ficou por conta de Sheila Quintaneiro, mãe do Guilherme Toledo (t.54) e a de expressão corporal, cuja responsável foi Lis Resende, mãe da Sofia Fontes (t.13). Graças à participação dos pais, os visitantes também puderam aprender muita coisa sobre: Aikidô, Badminton, Reeducação Postural Global e reciclagem de papel. Dos pais,

CLÁUDIA FONSECA

PATRÍCIA AQUINO, ANDRÉ, LUÍS PAULO, MARCOS, MAURÍCIO E FERNANDO

PATRÍCIA MARANHÃO E MARCELLA





LIS REZENDE

NATÁLIA E MARGARET PORTELLA

também vieram as receitas econômicas e nutritivas que os alunos preparam para servir durante a feira. Mas a simples presença dos responsáveis durante esses eventos já é uma forma importante de participação, que o diga o sorriso de satisfação de Natália Portella (t.62), que passeava pela feira abraçada com a mãe Margaret. Ou a declaração de Eliane Albo, mãe do Felipe (t.44), presente no evento esportivo realizado em março. “Este tipo de atividade que o CSVP proporciona aos pais e seus alunos, é uma grande oportunidade de integração entre pais e filhos, entre a família e a escola. Nos dias corridos em que a gente vive, é sempre uma possibilidade de ter um convívio descontraído e muito divertido”.

O Colégio também tem investido na realização de reuniões e encontros para a discussão de temas específicos e de interesse mútuo – família e escola –, seja com profissionais especializados, seja com pessoal da equipe da própria Escola. “Infelizmente, nem sempre temos um grande público. Mas a avaliação dos pais que já participaram de alguns desses encontros é sempre positiva. Eles se sentem enriquecidos pelos conhecimentos adquiridos e pela possibilidade de troca com outros pais, e voltam sempre”, garante Nina.

Outro espaço possível de participação é a própria Associação de Pais e Mestres (APM), que vem tentando atrair um maior número de pais para suas atividades.

As possibilidades são muitas e a criatividade dos pais pode ampliar o leque de opções. Como sugerem Edevino e Elizabeth: “Até mesmo convidar os coleguinhas para passar o dia com o filho e levá-los a um cinema pode ser muito produtivo”.

As recompensas

Não se pode negar que a prática da parceria dá trabalho e implica assumir compromissos. Mas os resultados podem ser bastante compensadores para pais e filhos.

“Quando a gente compartilha lembranças e experiências boas com nossos filhos é muito mais fácil enfrentar as dificuldades que aparecem. Os laços se tornam mais fortes e a cumplicidade é muito maior. As nossas visões do mundo ficam mais parecidas e mais reais e as diferenças se tornam mais contornáveis. Eu aprendo a ver a vida do jeito adolescente dela, ela aprende a ver do meu jeito adulto e acabamos chegando sempre a um acordo. Acho que, para ela, como aluna e cidadã, ajuda no relacionamento com as pessoas, principalmente com relação ao respeito mútuo”, garante Cláudia Fonseca.

“Quero acompanhar o processo de crescimento e desenvolvimento da Laura. Manter com ela laços de confiança e de companheirismo que se refletem em todas as áreas da vida. Perceber que a minha participação em sua vida escolar lhe ensina também a participar da minha vida profissional, da de sua irmã e da de seu pai e lhe ensina que a parceria na escola, em casa, entre os amigos e na sociedade é um valor ético fundamental para a construção de uma sociedade melhor. E, o mais importante, ver minha filha feliz por ter o apoio que necessita para desenvolver o seu potencial criativo e intelectual, o que lhe propicia vivência de sucessos, conquistas, êxitos, resultados positivos de trabalhos individuais e coletivos e a superação de dificuldades e de obstáculos, que lhe exigem, por vezes, mais concentração, disciplina e determinação”, afirma Renata Bondim.



“Esse tipo de encontro que fizemos no São Vicente foi uma participação de amor, logo só incorporou crescimento. A Bia participou de todo o processo, funcionando como o elemento de contato, “e-mail ambulante”, crítica de arte final e, principalmente, como mais uma das crianças que, com brilho nos olhos, acompanharam toda a minha palestra. Isso não tem preço”, diz Alexandre Mendes.

“Pessoalmente, a minha recompensa foi a identificação com a turma. Após a palestra, eu deixei de ser apenas a ‘mãe da Marcella’ e passei a ser ‘Patrícia’. Hoje, todos falam comigo nas festas, batem papo, me chamam pelo nome, numa relação muito gostosa”, confessa Patrícia, que ainda completa: “A minha filha sentiu-se orgulhosa por eu estar falando para a turma dela. Valeu demais, pela possibilidade de dividir com ela esse momento, acho que nos aproximou ainda mais, sinto que ela está radiante. Ela sempre desejou que eu participasse de algum evento na escola”.

Sem burocracia

É Nina quem explica como devem proceder os pais que desejam ampliar a sua participação: “No Colégio, as orientadoras educacionais, as coordenadoras e a direção tentam não fazer do contato entre a família e a escola um ato burocrático. Qualquer pai que deseje sugerir atividades, conhecer mais de perto o trabalho desenvolvido e contribuir para a melhoria desse trabalho, encontrará sempre um São Vicente de portas abertas”.

Dado o caminho da mina, o recado final fica por conta de Alexandre: “Participar não tem contra-indicação e, mesmo que você pense que não, sempre há uma forma de ajudar”.

Visita do Pe. Maloney

MISSA CELEBRADA COM PE. MALONEY, EM 2 DE MAIO



A maioria nem o viu, pois passou feito um foguete... O Pe. Robert P. Maloney é o Superior Geral da Congregação dos Padres Vicentinos que mantém este Colégio. Veio para conhecer-nos, mal nos viu e mal o vimos, de tão rápido que passou...

A Congregação que São Vicente fundou em 1625, na França, hoje está nos diversos continentes, com 50 Províncias, algumas muito missionárias e com pessoal jovem, outras bem mais antigas, com pessoal envelhecido e minguado. Trabalhamos em muitas obras, já desde o século 17. Missões em países sem maioria de cristãos, missões em regiões pobres do próprio país, missões nas periferias urbanas, paróquias tradicionais em todos os tipos de cidades. Em educação trabalhamos em escolas como o São Vicente, nas três Províncias do Brasil (Curitiba, Fortaleza e Rio de Janeiro), em escolinhas de alfabetização na Índia, em universidades nos Estados Unidos e nas Filipinas. Colegas meus e do Pe. Maurício trabalham na formação dos nossos futuros colaboradores, Padres e Irmãos da Congregação, em todas as Províncias e Vice-Províncias, e na formação do clero diocesano, na Colômbia, Polônia, Estados Unidos, Itália, França, Filipinas, Ilhas Salomão, etc. As missões mais novas foram abertas na Tanzânia, Albânia, Moçambique, Angola, Ruanda, Burundi, Ucrânia, Sibéria, Bielorrússia, China e Taiwan.

O Superior Geral foi precedido na visita à nossa Província e ao Colégio pelo Pe. José Antonio Ubillús, que fez a visita canônica de quase dois meses, podendo visitar cada casa, cada Coirmão e todas as obras. O Superior Geral fez mais uma visita de animação. No Rio, em Belo Horizonte e no Caraja, reuniu-se com os Coirmãos, os Formadores, os Missionários, os Seminaristas. Aqui e em

Belo Horizonte, reservou uma parte do seu tempo para as Filhas da Caridade, de que também é Superior Geral. No Matoso e em Contagem, reuniu-se com os representantes de muitos ramos da Família Vicentina Brasileira, de que é o animador e o líder nato, como sucessor de São Vicente.

Cada seis meses elegemos ou reelegemos o Governo geral da Congregação. Fui Assistente Geral 12 anos, tendo tido a tarefa (e a sorte!) de fazer a visita canônica das Províncias do Brasil, Argentina (com Uruguai e Paraguai), Chile, Colômbia (com a Bolívia, quando fiz a visita), Equador, Portugal, Paris (com a casa de Tessalonica, na Grécia), Nápoles e Turim e da Vice-Província de Moçambique; além disso, fui pregar retiros ou dar cursos de formação no Líbano, na Espanha, em Cuba, no Peru, no Vietnã, no México e no Panamá; acompanhei o Superior Geral em visitas ao Egito, Moçambique, Portugal e Brasil. Por causa do meu trabalho com a Família Vicentina, fui aos Estados Unidos e à França para reuniões ou celebrações da Sociedade de São Vicente de Paulo. Como assistente eclesialístico internacional das Voluntárias da Caridade, fui à Bélgica, à Espanha, aos Estados Unidos, ao México, à Guatemala, à Venezuela. Atualmente, como representante da Congregação no Conselho Latino-Americano da Família Vicentina, tive reuniões na Colômbia, no Chile e a próxima no Peru. Dei cursos vários anos seguidos para a Juventude Marial Vicentina na Espanha e participei de seus Congressos e Encontros na Itália, na França, em Portugal. É assim, pelo trabalho dos Assistentes Gerais que o Superior Geral pode completar sua tarefa de visitar todas as Províncias, os Coirmãos e suas obras.■

Pe. Lauro Palú, C. M.



São Vicente não é uma tabuleta

Nosso nome, Colégio São Vicente, não é igual à tabuleta comercial de um bar, um hotel um clube. Não fica do lado de fora do Colégio, está é dentro, gravado no coração da gente, não na parede. E não só porque a gente gosta daqui, de viver e divertir-se e até estudar aqui dentro. É bem mais que isso: nosso nome é uma bandeira.

Na realidade, São Vicente significa mais que a história deste Colégio, que já fez 42 anos e ainda tem muito que fazer pela frente. Até mais do que as coisas boas já feitas e vividas aqui dentro pelos Professores e Funcionários, pelos Alunos e suas Famílias, nosso nome significa que queremos continuar no empenho começado há muito tempo e continuado sempre com decisão, idealismo e coragem.

Celebrar a festa de nosso Patrono, no final de cada setembro, só tem sentido se o lembrarmos o ano inteiro e nos inspirarmos em seu modo de agir para fazer nosso trabalho de Educadores e Formadores, se olharmos para ele buscando um exemplo e uma luz.

Marcamos nossa festa com a presença de Alunos e Pais, de Professores e Funcionários, das Diretorias anteriores e atual da Associação de Pais e Mestres, de Ex-Alunos e dos Amigos do Colégio. Na missa que celebramos, agradecemos a Deus a força que ele nos dá, cada dia, concretizada na amizade e ajuda dos companheiros, dos que lideram nosso trabalho e o coordenam. Nosso maior gosto é celebrar essa festa como Família, que é o que desejamos ser. Vieram outras Escolas, vieram outros Educadores, trazer-nos seu apoio, colegas de magistério e idealismo, e todos juntos rezamos e agradecemos a Deus por nossa missão, depois comemoramos nossa alegria e nossa amizade com uma confraternização que deu vontade de continuar noite a fora.

Também convidamos para a nossa festa outros Filhos e Filhas de São Vicente, que formam a sua grande Família, hoje muito presente e bastante ativa no mundo inteiro e que aqui se representou pelas fundações originais de nosso Patrono, as Voluntárias da Caridade, os Padres Vicentinos e as Filhas da Caridade, e ainda por outros ramos mais recentes, como a Sociedade de São Vicente, a Juventude Marial e alguns afiliados leigos. O grupo mais expressivo da Família foi mesmo constituído pelos que vivem e lutam aqui neste Colégio, entre eles os nossos grupos de trabalho pastoral (de Alunos e Professores e Voluntários).

No próximo ano, São Vicente será celebrado muito mais vivamente, porque o veremos passando entre os pobres e servindo-os com seu carinho e sua bondade, na atenção com que vamos servir na celebração que já estamos preparando. ■



Pe. Lauro Palú, C. M.

Sob nova direção

A Associação de Pais e Mestres (APM) existe para estabelecer e facilitar a colaboração entre as famílias dos alunos e o Colégio, aperfeiçoando o processo educativo. Regida por estatuto próprio, que prevê eleição de nova diretoria a cada dois anos, a APM vincula-se à estrutura organizacional do São Vicente através da Coordenação Comunitária.

Este ano, a posse da diretoria eleita ocorreu no dia 29 de março, durante as festividades de aniversário do Colégio.

Na solenidade, representando a antiga diretoria, estavam o Presidente, Jorge Faulhaber, o casal Vice-presidente, Carla e Osvaldo Lióli, e o casal Secretário, Regina Marteleto e Jesús Bastos. O casal Tesoureiro, Maria Lúcia e Duarte Vicente, permaneceu na diretoria e assumiu um novo mandato.

Nas palavras de agradecimento dirigidas à diretoria que se despedia, Pe. Lauro destacou as promoções de palestras e concertos no Colégio, a doação de livros para as bibliotecas e o auxílio para o pagamento das mensalidades escolares de alunos cujas famílias enfrentaram dificuldades financeiras. Além disso, lembrou a importância da participação da APM nas diversas reuniões de pais e nos Conselhos Pedagógicos.

Antes de dar boas-vindas à nova

diretoria, Pe. Lauro lamentou que, mesmo com o envio de circular de convocação, poucos pais tenham comparecido ao Colégio para a votação.

Para a nova diretoria, a mensagem foi de parabenização e de confiança no futuro.■

Diretoria eleita para o Biênio 2001/2002

Casal Presidente

Sérgio Mourão Castiglione e Denise Maria Braune (pais de Giovana, t.24)

Casal Vice-Presidente

Marco Vinícius e Rosária Bittencurt (pais de Juliana, t. 23 e João Marcos, t. 2º C)

Casal Tesoureiro

Duarte Machado Vicente e Maria Lúcia Godoy Vicente (pais de Priscila, t.1º B e Joyce, t. 3º A)

Casal Relações Públicas

João Afonso e Solange P. de M. Teixeira (pais de Ygor, t. 24 e Vinicius, t. 23)

Casal Secretário

Roger Toshio Enokibara e Marta Pinheiro Enokibara (pais de Toshio, t. 33)

Casal Representante dos Professores

Roseli e Sidney Moraes de Vasconcellos (pais de Débora, t.81)

EX-PRESIDENTE ENTREGA O CARGO À NOVA DIRETORIA (À ESQUERDA)



Palavra de presidente

Oito meses após assumir a presidência da APM, Denise Maria Braune fala um pouco de suas convicções e expectativas.

A chama: *Qual o papel da APM no momento atual?*

Denise: Cada vez mais, o trabalho e demais afazeres da vida moderna nos afastam de nossos filhos e acabam por danificar as relações familiares. Por conta disso, as escolas se tornam nossas maiores aliadas na educação das crianças. Na esteira desse raciocínio, quanto mais participamos da vida escolar de nossos filhos, mais restauramos e fortalecemos os laços que nos unem a eles. Posso dizer, então, que a APM é o espaço, ofertado pelo Colégio, de participação direta na construção da educação das crianças do nosso tempo.

A chama: *Quais as propostas da atual diretoria?*

Denise: Diante de tudo que foi feito pelos outros grupos que estiveram à frente da Associação, a nossa proposta é de, no mínimo, dar continuidade a tudo que gerou bons frutos, como o apoio a projetos culturais, esportivos e beneficentes. Este grupo, no entanto, tem muita vontade de fazer, de participar, de estar dentro da escola e de estar juntos entre si. Por essa razão, eu afirmo que nosso maior propósito é o de nos tornarmos um canal efetivo de comunicação entre os anseios da comunidade de pais e o Colégio, evidentemente dentro dos limites de atuação da APM.

A chama: *Que dificuldades vocês têm encontrado para realizar seus objetivos?*

Denise: A falta de tempo é sempre a maior dificuldade. Nossas reuniões são mensais e isso ainda é insuficiente. Por outro lado, o tempo de que dispomos também é insuficiente. Para resolver esse problema, a idéia é, num futuro próximo, a formação de comissões de trabalho. Isso, no entanto, requer o envolvimento de outros pais, o que pode vir a ser outro problema.

A chama: *De que maneira os pais podem ajudar?*

Denise: Toda forma de participação é ajuda. Quando os pais se dirigem à APM, indiretamente já estão ajudando. Esse simples movimento, por si só, já aglutina, fortalece, abre espaços, solidifica idéias e aumenta nosso campo de atuação. No sentido de estarmos juntos, os maiores beneficiários de todo esforço e ajuda somos nós mesmos, uma vez que toda a atuação da APM visa a esse "estar junto" com a Escola numa relação de parceria mais estreita e sempre tão divulgada entre nós.



Yes, nós temos laboratório

A invasão começou lentamente. Era um *hot dog* aqui, um *rock and roll* ali, um *jeans* acolá... Depois, a coisa foi ficando séria e, no mundo dos *games*, dos *hackers* e dos *downloads*, aprender inglês deixou de ser um luxo e se transformou numa necessidade. A globalização fala a língua de Shakespeare e é preciso estar preparado.

O Projeto Pedagógico do São Vicente reconhece que o inglês se tornou uma ferramenta imprescindível no mundo moderno, um instrumento de acesso à informação e de aprimoramento do conhecimento acadêmico e profissional.

Assumida a importância do ensino e da aprendizagem da língua, a grande questão passa a ser como se fazer isso da melhor maneira possível.

O sonho de todos

“Sempre que os professores de língua estrangeira se encontravam batiam na mesma tecla. Como trabalhar uma língua estrangeira com mais de 30 alunos em sala e com níveis de conhecimento diferentes? O ideal seria termos as turmas divididas e até um ambiente propício para o ensino desta língua. Surgiu então a idéia, ou melhor, o sonho, de se montar um laboratório de línguas onde tivéssemos um número menor de alunos e pudéssemos ter um ensino diferenciado, com a atenção mais direcionada para cada um deles, e onde pudéssemos, principalmente, trabalhar a oralidade e a compreensão auditiva, além da escrita e da leitura”, conta Ivone Vieira, professora de inglês da 5ª série.

A passagem do mundo das idéias para o mundo real requeria obrigatoriamente planejamento e projeto. O critério adotado para a tomada das decisões foi, como explica Ivone, “o de se criar uma atmosfera agradável e atraente, onde os alunos tivessem total integração e prazer em aprender”.

Para que as quatro habilidades – oralidade, compreensão auditiva, leitura e escrita – pudessem ser corretamente trabalhadas, era preciso um equipamento de som eficiente, uma televisão com vídeo e computadores que são, na atualidade, equipamentos fundamentais quando se trata de aprendizagem de língua estrangeira. Mas nem só de equipamentos é feito um laboratório de línguas e, aos poucos, as idéias foram surgindo para que o sonho fosse se materializando: material didático que enfatizasse a oralidade, *tapes* e vídeos que estimulassem a compreensão auditiva, *CD-ROMs* que fossem do interesse e do nível dos alunos e um livro texto que tivesse tudo a ver com o novo projeto, além, é claro de materiais extras para jogos e brincadeiras, *posters*, cartazes, figuras e materiais educativos, que estimulassem os alunos cada vez mais e transformassem a sala num ambiente atrativo.

Sempre em sintonia com a Escola, a APM “comprou” a idéia do laboratório, doou equipamentos, infra-estrutura de informática e acervo. A ajuda foi fundamental para a realização de um sonho que era de todos: a montagem e a inauguração do laboratório de línguas.

Da apreensão à alegria

“Implantar um projeto deste é uma responsabilidade muito grande. Muitas vezes nos perguntávamos se este material ou aquele daria certo. Tudo foi feito com muito cuidado e carinho e a expectativa quanto à reação dos alunos era enorme”, confessa a professora, cujas dúvidas, no entanto, só duraram até o dia em que a primeira turma de alunos entrou na sala.

“Quando o grupo entrou no laboratório pude perceber que o projeto tinha dado certo. O olhar de alegria, surpresa e felicidade estava estampado nos rostos surpresos deles. E os comentá-

os? Os melhores e mais elogiosos possíveis”, lembra Ivone, aliviada, destacando que hoje, se algo impede os alunos de assistirem aula no “Lab”, a reclamação é geral.

Resultados e planos para o futuro

Os professores ainda têm alguma dificuldade para encontrar material adequado, principalmente CD-ROMs, mas o laboratório tem cumprido seu papel de proporcionar aos alunos um ensino mais individualizado e de ampliar a capacidade de trabalho interdisciplinar, pela versatilidade da metodologia utilizada. Isso, por si só, já teria valido todo o esforço, mas para Ivone, ainda não é o bastante: “Ainda há muita coisa para ser feita e aprimorada. Este está sendo o nosso primeiro ano e, assim como os alunos, nós, professores, também temos aprendido muito e, baseados nesta primeira experiência, vamos nos aprimorar cada vez mais”. ■



Uma escola diferente

Por que o supletivo é uma escola diferente? Porque, enquanto na escola regular, o aluno deve se adaptar à escola, no supletivo, a escola é que precisa se adaptar ao aluno. Trata-se, portanto, de uma nova modalidade de ensino, cujo nome oficial atualmente é *Educação de Jovens e Adultos* (EJA).

A função do EJA é dar uma resposta ao princípio de justiça e igualdade entre os homens, pois, de acordo com as Diretrizes Curriculares, possibilita que o indivíduo jovem e adulto desenvolva suas habilidades, confirme suas competências adquiridas na educação extra-escolar e na própria vida, e alcance um nível técnico e profissional mais qualificado.

O objetivo do EJA é integrar no mundo do trabalho e na prática da cidadania aqueles que “não tiveram acesso à escrita e à leitura como bens sociais e tenham sido a força de trabalho empregada na construção de riquezas e na elevação de obras públicas”.

Aqui no São Vicente, recebemos muitos jovens nordestinos que pararam de estudar há muitos anos e vieram para o Rio com o desejo de melhorar sua qualidade de vida e de ajudar a família. Os alunos originários do Nordeste representam cerca de 60% do total de alunos do supletivo.

A escola do EJA se adapta ao aluno, porque, na hora de seleção e matrícula, tem que levar em conta a enorme bagagem de experiências profissionais que ele traz consigo e que deve ser aproveitada da melhor forma possível em sala de aula. “O conhecimento adquirido no trabalho poderá ser objeto de avaliação, reconhecimento e certificação para prosseguimento ou conclusão de estudos”, diz o Parecer 11/2000.

Além disso, a promoção do aluno não depende apenas da seqüência das séries, mas também deve ser levado em conta o fato de ele ter ou não atingido os objetivos propostos. Esse tipo de aprovação é, portanto, legal, dependendo de um parecer do Conselho de Professores e da assinatura de uma ata oficial.

Como foi dito anteriormente, o fundamental no supletivo é que todas as atividades se guiem por um objetivo bem definido: desenvolver habilidades para o mundo do trabalho, como uma vocação característica de produzir a cultura humana, desenvolver valores de solidariedade e promover o engajamento em movimentos que possam trazer a libertação do trabalhador. O aluno deve lutar para ser tratado não como um empregado, mas como um servidor.

No segundo semestre deste ano, o enfoque do curso foi *Pluralidade Cultural*, visto que a cultura é tão ou mais necessária que o simples conhecimento. O Brasil tem, em sua história, elementos que podem colaborar de maneira fundamental para a criação de uma globalização mais humana e menos materialista. Uma globalização na qual a cultura assuma um papel preponderante e todos os povos possam conviver num ambiente livre de preconceitos e discriminações.

Dentre as atividades desenvolvidas tivemos um encontro com o cordelista e artista popular Jota Rodrigues, no qual os alunos puderam apreciar como é possível a existência de tanta sabedoria de vida dentro de tanta simplicidade de vida. Também, dentro do *Projeto BR em Movimento*, foi exibido o filme *Sonho de Rose*, acompanhado de um debate com José Luiz, um “assentado” do MST do Rio Grande do Sul, que hoje estuda História na PUC, a serviço do próprio Movimento. O debate com José Luiz foi uma lição de que, se o povo souber se organizar, é possível a construção de um novo tipo de sociedade. ■

José Fernandes, coordenador do EJA



Um pedido pela vida



“Vidas sim, drogas não!” Com essa frase a Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) lançou a Campanha da Fraternidade 2001, no início do ano. Isso foi para todo o país. Mas o São Vicente embarcou e criou uma verdadeira campanha interna.

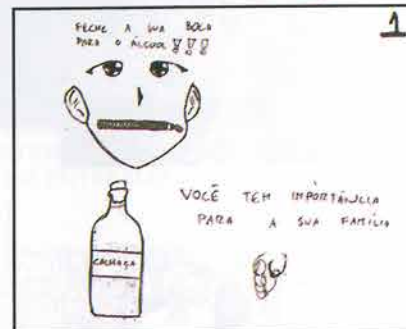
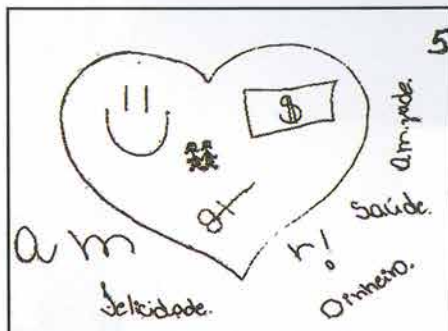
Ainda em abril, o diretor, Pe. Lauro Palú, escreveu uma circular que apontava as diretrizes da Escola em relação ao tema. Foram identificadas três “linhas de ação” e três “urgências”.

As linhas de ação resumiram-se em “dar prioridade à vida, ao positivo”; investir no “caráter preventivo” da campanha; e levar em conta “outras drogas”, como o consumismo, a manipulação das pesquisas de opinião, programas do gênero de *No limite* e *Banheira do Gugu*, e até o vestibular. As ações, definidas por Pe. Lauro como uma “missão profética” são: denunciar a tendência ao materialismo, hedonismo, individualismo e tantas outras que levam as pessoas a um comportamento de risco; anunciar a vocação cristã que leva à valorização da vida; e fazer ações transformadoras, o que implica prevenção, intervenção, recuperação e atuação política.

O mote da Campanha é ir além da condenação das drogas, mostrando a importância e exercitando a satisfação de viver. Nessa linha, alunos de várias séries, em diferentes disciplinas, fizeram trabalhos. Textos, pesquisas, ilustrações: não faltou nada.

Em geografia, com o professor Alexandre, o 3º ano do Ensino Médio discutiu o texto “Um convite ao voo”, de Eduardo Galeano, seguindo a proposta de refletir sobre a “opção pela vida”.

A professora Maria Margarida (ver entrevista) fez a 5ª série do Ensino Fundamental (turmas 51, 52 e 53) ir mais longe. No trabalho do núcleo de pesquisa “Um caminho para a Descoberta”, a meninada escolheu, por votação, o tema das



TRABALHOS DE ALUNOS DA 6ª SÉRIE, NA AULA DE RELIGIÃO

drogas. Na introdução, Beatriz Abreu, Carolina Bethlem, Carolina Queiroz, Clara Nascimento, Julia Pareja, Julia Souza Cabo, e Klaus Ferreira explicam a opção: “O nosso interesse pelos problemas decorrentes do uso de drogas surgiu porque observamos que estes são muito comuns nos dias de hoje. Além do mais, nós desejávamos saber mais sobre os benefícios das drogas, uma vez que os meios de comunicação, geralmente, só informam sobre os seus malefícios”. E como bons pesquisadores que são, expuseram também os objetivos: “A nossa finalidade é conscientizar outras pessoas não só em relação aos pontos negativos como também aos positivos relativos às drogas, para que elas possam ser usadas somente quando necessário, como por exemplo, nos tratamentos médicos”.

E teve gente panfletando contra as drogas — todas elas — e pela vida através de imagens. Se era para embarcar na Campanha, a 6ª série também não deixou barato. A disciplina era religião e a proposta da professora Graça foi, em apenas dez minutos, transformar uma folha branca em uma mensagem, refletida, sobre a Campanha da Fraternidade deste ano. Alguns mais diretos, outros mais abstratos, os resultados foram surpreendentes. Em um dos desenhos, tratando especificamente do álcool, pode-se ler a frase que talvez resuma tudo que todos os argumentos normalmente usados contra as drogas dizem: “Você é importante para a sua família”. Parte do que todo o trabalho na Escola queria transmitir era apenas um complemento: para a Família Vicentina também...■

2002 RETRO



29/03 - CERIMÔNIA PELO ANIVERSÁRIO DO COLÉGIO



11/05 - MISSA PELOS DOIS ANOS DE MORTE DO PE. ALMEIDA



26/03 - VISITA DO PE. JOHN MINOGUE, PRESIDENTE DA UNIVERSIDADE DEPAUL DE CHICAGO, ILINOIS, EUA



22/03 - VISITA DO ASSISTENTE GERAL DA CONGREGAÇÃO DA MISSÃO, PE. JOSÉ ANTÔNIO UBILLÚS

MARÇO

ABRIL



19 E 20/04 - CELEBRAÇÃO DA PÁScoa



OSPECTIVA



12/05 - IV FEIRA DA LINGUAGEM



07/06 - ENTREGA DOS CERTIFICADOS DE CONCLUSÃO DO PROGRAMA DE VOCAÇÃO CIENTÍFICA (PROVOC) AOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO, ENTRE ELAS GABRIEL FROTTÉ



05/06 - POSSE DA NOVA DIRETORIA DO GREGI ("GRÊMIO DO GINÁSIO")

MAIO

JUNHO

07/06 - ELEIÇÃO DA NOVA DIRETORIA DO MINIGRÊMIO, EMPOSSADA NO DIA 21 DE JUNHO





01/07 - CERIMÔNIA DA 1ª EUCHARISTIA



05/07 - GRUPO DE TEATRO INFANTIL, DIRIGIDO PELO PROFESSOR LAURO BASILE, APRESENTANDO A PEÇA A BRUXINHA QUE ERA BOA, DE MARIA CLARA MACHADO



07/07 - ARRAIAL JULINO DO CSVP



JULHO

AGOSTO

20 E 21/08 - APRESENTAÇÃO DO CORDELISTA J. RODRIGUES PARA OS ALUNOS DO EJA



01/09 - CHURRASCO
DOS EX-ALUNOS,
TURMAS DE 2000



06/10 - PINTURA DO MURO



29/10 - GRUPO DE TEATRO DO ENSINO MÉDIO,
APRESENTANDO A PEÇA *O AUTO DA
COMPADECIDA*, DE ARIANO SUASSUNA, COM
DIREÇÃO DE ALMIR TELLES

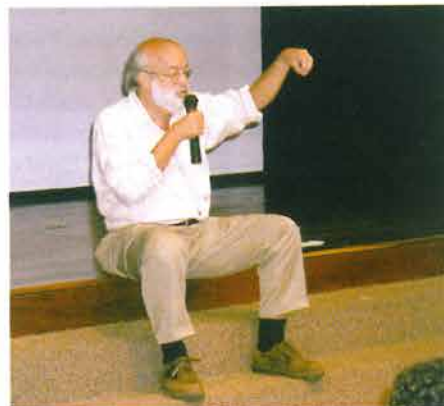
OUTUBRO

SETEMBRO

10 E 11/10 - DIA DO EDUCADOR



02/09 - FEIRA DA
QUALIDADE DE VIDA



10/10 - PALESTRA DO
MÉDICO SANITARISTA
SÉRGIO AROUCA, QUE VEIO
AO COLÉGIO A CONVITE DO
PROFESSOR ROBERTO
BENETTI, DE BIOLOGIA



Semana Cultural

Uma das datas mais esperadas no calendário do aluno vicentino é a *Semana Cultural*, quando alunos, ex- alunos e professores podem mostrar seus talentos na música, nas artes, na literatura além de assistir a *shows*, filmes e palestras.

Este ano, a *Semana Cultural* veio com duas inovações: a participação dos alunos de 8ª série e um duplo *Sabadão*.

O Grêmio do Ensino Médio, que agora também é da 8ª série, foi o grande responsável pela organização do evento, e para isso contou com a participação de alguns professores e alunos.

Como se tratava de um evento tão grande e importante, foi necessário, acima de tudo, uma boa divulgação. Para isso, o grêmio distribuiu panfletos com os horários das programações, colou cartazes pelo Colégio, deu recados nas salas de aula e anunciou na rádio na hora do recreio. Mas a maior propaganda foi a camiseta da *Semana Cultural*, vendida a menos de R\$ 5, com duas estampas diferentes e nas cores preto e branco. Entre os dias 15 e 22 de setembro, ela praticamente virou uniforme.

É dada a largada

A *Semana Cultural de 2001* começou no dia 15 de setembro e teve como abertura uma tradição vicentina não menos famosa, o *Sabadão*. Ao todo, se apresentaram seis bandas, formadas em sua maioria por alunos do Colégio: *Colcheias Confusas*, *Adágio*, *The Punishment*, *Tenebra*, *Filigrana* e *Toskera*. Para este dia estava agendada também a tão esperada “pintura do muro”, que acabou sendo adiada por causa da chuva.

Na segunda-feira, aconteceram dois eventos – na hora do recreio, teatro, com a peça *Capitu* e, depois das aulas, o filme *Yo soi Cuba*. Ambos foram apresentados no auditório e contaram com grande participação dos alunos.

No dia seguinte, a ilha de Fidel ainda era tema no evento. A palestra *Educação em Cuba*, dada por alunas de Pedagogia da PUC – dentre elas uma ex-aluna do São Vicente –, também lotou o auditório, chegando a estender o horário do recreio. A palestra começou com a exibição de um curta metragem sobre Cuba, realizado pelas próprias alunas durante um congresso de pedagogia no país, e continuou com um debate. Surgiram várias polêmicas – muitas até “esquentadas” pelas opiniões dos professores Alexandre Junqueira, de geografia, e Marlene, de português – sobre a vida em um país comunista que vive sob uma ditadura. Foram questionados conceitos sobre felicidade, mundo ocidental capitalista, e, é claro, educação, tanto em Cuba como no Brasil.

À tarde a programação seguiu com a exibição do filme *O sonho de Rose*, da jornalista e diretora Tetê Moraes, uma “continuação” do premiado documentário *Terra para Rose* – filmado dez anos antes – sobre a ocupação de um latifúndio no Rio Grande do Sul, na Fazenda Annoni, por um grupo de lavradores rurais que inspirariam a criação do Movimento dos Sem-Terra (MST), seguido de debate com um assentado do movimento.

As atrações do dia 19 começaram bem cedo: às 7 da manhã, aula de Yoga. Na hora do recreio, o clássico *show* dos





Etc...



professores também lotou o auditório, com a apresentação de Hugo Pinheiro no piano e Patrícia Costa no vocal. Para encerrar o dia, a apresentação do controvertido documentário *Brasil: Beyond Citizen Kane* (*Muito além do cidadão Kane*), produzido por Simon Hartog. O filme, que fala sobre as distorções encontradas no mundo da telecomunicação brasileira e mostra o poder concentrado nas mãos do jornalista Roberto Marinho, gerou muita discussão ao ser exibido pela BBC de Londres em 1993.

O recreio de quinta-feira foi dedicado à literatura. No pátio, alunos e professores juntaram-se para uma roda de leitura sobre Fernando Pessoa. Após a aula, foi exibido o filme *O chamado de Deus*, do cineasta José Joffily. Premiado no Festival de Brasília de 2000, o filme fala sobre vocações religiosas, a partir de entrevistas feitas com seis jovens seminaristas.

Na sexta-feira o recreio foi bem animado, ao som de uma banda de jazz. Mais tarde, para fechar o circuito de debates, uma palestra sobre maconha. Mais polémica...

Na reta final

Para encerrar com chave de ouro a *Semana Cultural*, foi realizado no dia 22 de setembro o segundo *Sabadão* do ano 2001. Mais uma vez a chuva impediu a “pintura do muro” (que acabou acontecendo no dia 6 de outubro), mas a festa continuou e, desta vez, outras cinco bandas de alunos — *Gato Preto*, *D4 Wall*, *Entropia*, *Prozac* e *Tarugo* — animaram a tarde. A sexta e última banda a tocar foi o *Brazov*, que realmente fez o público sacudir o esqueleto.

Assim, a *Semana Cultural* deste ano fechou com saldo mais que positivo. Muitos alunos e ex-alunos participaram das programações, sem contar os professores, que deixaram a timidez de lado para realizar seu próprio *show*.

Chuvvas e imprevistos à parte, esta foi, sem dúvida, uma semana além de cultural, muito divertida. Todos que participaram terão certamente boas lembranças e aguardarão ansiosos pela chegada da *Semana Cultural de 2002*.■

Mônica N. de Souza
aluna do 3º C



SUGESTÕES PARA A APM

Seguem alguns questionamentos e sugestões para a APM.

1) Criar mecanismos para maior participação dos pais:

- Questionários de satisfação/sugestões com perguntas do tipo: “O que você espera da APM?”, “Como a APM pode estar mais perto dos pais?” e “Que temas devem ser priorizados?”.

- Debates sobre temas interessantes, precedidos de “provocações” aos pais – circulares pedindo opiniões sobre temas, etc. – para que eles se sintam motivados a enriquecer a discussão.

- Campanhas do tipo *anti-fumo, contra a banalização do sexo*, pedindo a colaboração dos pais para envio de literatura, artigos e indicações de profissionais para apresentar o assunto.

- Divulgação das atas das reuniões mensais.

- Colocação no site do Colégio de um link de e-mail para a APM.

2) Estimular a participação no Grauninha desde a 1ª e 2ª séries do Ensino Fundamental. Não vejo motivos para que isso não aconteça. Nossas crianças podem nos surpreender.

3) Responder ao questionamento feito na reunião inaugural sobre o percentual de alunos do CSVP que foram aprovados para universidades públicas no vestibular 2001.

4) Sugerir a mudança de horário das reuniões de representantes de turma para que elas não ocorram no horário das aulas ou um maior espaçamento entre elas. (*providência já tomada pelo Colégio*)

5) Sugerir o uso do site do Ministério do Meio Ambiente (MMA) como fonte para vários temas interessantes, entre eles o Consumo e Desenvolvimento Sustentável.

No sentido de estabelecermos uma parceria, coloco-me à disposição para qualquer esclarecimento que se faça necessário.

Ana Lúcia Almeida,
mãe do Leonardo (t. 24) e da
Camila (t.43), em 05/04.

SUSPENSÃO DE ALUNO

Minha filha Ana Beatriz Castor (t.43) foi suspensa das atividades escolares em 20 de setembro por ter respondido um convite da professora para que saísse da sala de aula com a frase: “Eles fazem a ‘merda’ e eu pago o pato”. Acho que ela mereceu ser punida, mas questiono o tipo de punição por não considerá-la educadora. Seria muito mais educativo se o horário do recreio fosse suprimido e utilizado para que o aluno refletisse enquanto realizasse algum trabalho útil – participando de alguma atividade social do Colégio ou até mesmo ajudando algum funcionário – ou escrevendo uma redação onde fosse estimulado a descrever a situação que o levou a agir de tal forma, a refletir sobre sua falha e a pedir desculpas. Tenho certeza de que o Colégio saberá identificar uma infinidade de oportunidades de transformar uma mera punição num momento de reflexão ou numa ação educadora. Creio que devam existir outras idéias criativas que sejam mais coerentes com a filosofia do Colégio que tanto aprendi a admirar nesses mais de dez anos em que meus filhos convivem com vocês.

Tânia Cavalcante, em 22/09.

PERIGOS DO CELULAR

Recebi uma circular do Colégio pedindo aos pais que não deixem seus filhos levarem o celular para a escola. Concordo plenamente e acho que a coordenadora, durante a reunião da 4ª série, definiu o assunto muito bem quando levantou a hipótese de o celular ser mais um instrumento de controle e que, por isso, deve ser repensado pelos pais. Na mesma semana, recebi, pela Internet, um artigo do jornal especializado em medicina, *The Lancet*, que alerta os pais para os riscos aos quais, devido à ação da radiação sobre o cérebro, estão expostas crianças que usam telefone celular com frequência: perda de memória, distúrbios no sono e dores de cabeça.

Beatriz Martins, mãe da Clara (t.43) e do Lucas (que concluiu o Ensino Médio em 2000), em 21/02.

CUIDADO COM AS DATAS

Lamento que tenham marcado uma excursão a Penedo para a 7ª série exatamente no fim de semana do *Dia dos Pais*. Esperava que esta tradicional Escola católica desse maior valor à família, possibilitando que estivessem juntas à mesa em datas como essa. Senti-me traído por passar a minha data longe de minha filha com a convicção do CSVP.

Alvaro Luiz de Carvalho, em 12/08.

Tenho certeza de que vocês preservam suas origens e sabem que gostamos de estar presentes às reuniões. Acredito também que existam outros judeus, além de mim, na escola. Por isso, sugiro que não sejam marcadas reuniões nos dias dos principais feriados judaicos (Pessach, Hosh Hashaná e Yom Kipur). Aproveito para desejar a todos Shana Tová e Shalom.

Sidney Weissmann, em 28/09.

ELOGIOS SINCEROS

Como “pais novos”, queremos manifestar nosso contentamento com a escolha acertada que fizemos, ao matricularmos nosso filho no São Vicente. Acompanhamos as atividades curriculares e extraclasse propostas pela Escola e, a cada dia, nos sentimos mais gratificados. Vemos um trabalho sério, consciente e competente que, certamente, vai deixar fortes raízes em sua formação. Para não parecer demagogia, não externamos nossa opinião anteriormente, mas agora, quase ao final do ano letivo, não temos mais por que guardar esse sentimento.

Sônia e Vanderlei Pacheco Guimarães,
pais do Rafael (t.52), em 20/09.

Na missa em homenagem a São Vicente, foi exortada a necessidade de os cristãos não se calarem, não ficarem omissos e serem caridosos (colocando-se na posição do outro para enxergar suas necessidades e suas dores). Isso nos faz refletir não só sobre as grandes relações e grandes problemas – como os que se referem ao acontecido nos EUA, no dia 11/09 – mas sobre nossas relações cotidianas que envolvem pessoas na nossa própria vizinhança. No mesmo dia, à tarde, eu e minha esposa estivemos no Colégio para uma reunião com a Márcia Vitória e Lucy sobre nossa filha. Ao terminar a reunião, dissemos: “Obrigado! Sabemos que isso é trabalho de vocês, mas vocês o fazem de forma especial”. A alegria de nossos filhos e a própria adesão dos pais ao “universo vicentino” são as maiores provas disso. É com o trabalho diário balizado, sobretudo, na inclusão, que todos no Colégio prestam uma homenagem contínua a São Vicente de Paulo.

Aloysto e Mônica Vasconcelos, pais do
Guilherme e da Nina, em 28/09.



Este Natal

Talvez nem cheguemos ao Natal, dependendo da direção dos ventos, da pontaria dos aviadores, dos rastros do terrorista que foge... Há muitos anos copiei o poema de um prisioneiro, que dizia que tinha todos os caminhos abertos e livres diante dele, mas que a polícia só tem um caminho, que é ir correndo atrás dele (se interessar alcançá-lo)... Neste tempo novo que nos prometeram e que esperávamos até com festa, queríamos poder seguir todas as direções ainda não trilhadas, ir a todos os lugares que nos arrancam do ramerrão e nos projetam no maravilhoso, experimentar todos os sabores que nos dão fome da beleza, do espírito, da fraternidade, da novidade absoluta de uma vida vivida na dança, no amor, na música, na risada, na esperança, na solidariedade, na partilha, na saudade, no grito de vitória, na paz do perdão, na força do esquecimento, no sonho de liberdade, na certeza da amizade.

Mas, e se os ventos mudarem? Em Roma, depois das erupções do Pinatubo, nas Filipinas, tivemos pores-de-sol magníficos e sangrentos, o céu invadido pela poeira invisível das explosões brutais, que em dois anos acabaram tingindo as tardes do mundo inteiro de ouro, fogo, sangue. Nunca estamos tão longe que as marés não obedeçam à lua, as colheitas não dependam das chuvas, os ventos não sequeem nossas plantações, sonhos e esperanças.

E se a pontaria dos aviadores errar o alvo e o Colégio desabar em cima desta frase que apenas comecei... e onde caberão (se o mundo ainda sobreviver) tantas bênçãos para as pessoas que me querem bem e a quem amo de coração...

E se tiver vindo nesta direção o rastro do cavalo do terrorista que foge aos aviões, aos satélites, ao apocalipse que ele soltou da jaula e agora vem uivando atrás de nós... Porque, se veio nesta direção, vão bombardear-nos, não importa que tenhamos tido um ano de paz, de alegrias, de parceria extraordinariamente feliz e produtiva. E se acabará, num repente, numa luz total de desintegração, estraçalhamento e aniquilação, tudo o que viemos construindo ao longo deste ano, desta vida.

E se as bombas caírem, o avião se precipitar, os vírus se multiplicarem justo no momento em que o Menino Jesus estiver nascendo para nós? A Mãe nos acuda, o Menino não chore, São José tome seu bastão e bata, nos defenda, nos proteja.

Entre o presidente que manda na guerra, na vida e na morte, nas marés e nas estrelas (como dói!) e a menininha que me pede que lhe amarre o sapato, eu me ajoelho ante a criança, faço o gesto que me humaniza, me torna gente. Continuo preferindo a menina que o pai que conversava comigo chamou de abusada mas que ainda não sabe da ONU e pensa que o mundo devia ser um grande São Vicente. Desta esperança eu vivo, esta esperança eu reparto com vocês, neste Natal, esta esperança vocês cultivam em mim.

Pe. Lauro Palú, C. M., diretor
Rio de Janeiro, 29 de setembro de 2001



